



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE  
CURSO DE JORNALISMO**

**RODRIGO GOMES MACHADO**

**POR UMA COMUNICAÇÃO ACESSÍVEL: UMA PESQUISA-AÇÃO COM  
ESTUDANTES DO CURSO DE JORNALISMO DA UFC**

**FORTALEZA  
2023**

RODRIGO GOMES MACHADO

POR UMA COMUNICAÇÃO ACESSÍVEL: UMA PESQUISA-AÇÃO COM  
ESTUDANTES DO CURSO DE JORNALISMO DA UFC

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M133u Machado, Rodrigo Gomes.

Por uma comunicação acessível : uma pesquisa-ação com estudantes do curso de jornalismo da UFC / Rodrigo Gomes Machado. – 2023.

92 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Robson da Silva Braga.

1. Acessibilidade. 2. Pesquisa-ação. 3. Público PcD. 4. Formação profissional. 5. Jornalismo. I. Título.

CDD 070.4

---

RODRIGO GOMES MACHADO

POR UMA COMUNICAÇÃO ACESSÍVEL: UMA PESQUISA-AÇÃO COM  
ESTUDANTES DO CURSO DE JORNALISMO DA UFC

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em: 13/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Robson da Silva Braga (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Rosane da Silva Nunes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## DEDICATÓRIA

Às três figuras maternas com as quais a vida me presenteou, minha mãe, Irlândia Gomes; minha avó, Dalva Gomes; e minha madrinha, Izélia Gomes.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à minha mãe, Irlândia Gomes, pelo suporte imensurável ao longo da vida, pelas palavras de incentivo e pela dedicação, esforço e investimento, mesmo em meio a dificuldades, na minha formação pessoal e acadêmica; também agradeço à minha amada vizinha, Dalva Gomes, que dedicou uma parte dos seus 90 anos para cuidar de mim, auxiliando minha mãe, cuidado esse marcado por boas memórias e afeto; e agradeço à minha madrinha, Izélia Gomes, pelo apoio em momentos cruciais, quem, inclusive, salvou minha vida mais de uma vez. Devo a essas três mulheres muito do que sou hoje.

Gratidão aos serviços e servidores da UFC que possibilitaram a minha permanência na universidade e enriquecimento da minha formação, o que perpassa a assistência estudantil (com destaque ao restaurante universitário), as extensões formativas, os serviços de saúde e os esportes gratuitos. Serviços esses que são também frutos da luta estudantil e que devem ser fortalecidos e ampliados para que mais estudantes tenham esse suporte que é, muitas vezes, essencial.

Vale um especial agradecimento à Secretaria de Acessibilidade - UFC Incluir, onde iniciei o contato com a acessibilidade comunicativa para pessoas com deficiência visual.

Aos petianes e ex-petianes, especialmente os membros e ex-membros do NACCOM que estiveram junto comigo em diferentes fases do que começou como uma proposta de pesquisa e foi se construindo aos poucos como um núcleo.

À Ana Beatriz do curso de Letras-Libras pela consultoria em relação ao uso do VLibras Vídeo.

Aos professores que somaram na minha formação, sendo que esse trabalho condensa vários aprendizados e *insights* tidos em disciplinas, inclusive por ter uma natureza multimídia e também teórica, há um pouco da lembrança da maioria dos docentes do curso.

Dentre eles, gostaria de destacar o professor Robson Braga, ao qual eu tenho imensa gratidão. Antes mesmo de ser meu orientador, ainda quando eu estava iniciando no PET, ele na posição de tutor do programa recebeu minha proposta de articular acessibilidade e comunicação e foi se envolvendo com ela. Desde então, pude contar com ele em questões de direcionamentos e o convidei para ser meu orientador, especialmente por ele ser mais pragmático e tranquilo. A experiência foi

muito boa e muitas de suas orientações foram cruciais durante a pesquisa-ação, principalmente em momentos de impasse.

Grato também à professora Rosane Nunes e ao professor Ricardo Jorge por terem aceito o convite para participar da banca e pelos valiosos apontamentos.

Por último, e muito importante, agradeço às professoras e aos estudantes da disciplina de Laboratório de Jornalismo I de 2023.1 que aceitaram participar da pesquisa-ação, confiaram na ideia, se empenharam e tornaram possível a realização deste trabalho.

## EPÍGRAFE

“A deficiência só se torna uma tragédia quando a sociedade não consegue fornecer as coisas de que necessitamos para viver as nossas vidas.”

(Judy Heumann)

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como tema a interface entre acessibilidade e produção laboratorial jornalística em um contexto formativo e teve por objetivo contribuir, por meio de pesquisa-ação (THIOLLENT, 2007), com uma análise junto a processo de fomento da interface entre acessibilidade e produção laboratorial com a elaboração de um especial multimídia online acessível a um público PcD (pessoas com deficiência), desenvolvido por estudantes da disciplina de Laboratório de Jornalismo I, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). Ao longo da disciplina, realizada no semestre de 2023.1, o pesquisador (concluinte do curso de Jornalismo da UFC) interagiu com o conteúdo programático, com as duas professoras e com os 28 estudantes matriculados por meio dos seguintes procedimentos metodológicos: a) aplicação de questionário exploratório com os estudantes (etapa quanti-quali diagnóstica); b) seminários para debater comunicação e acessibilidade e planejamento da disciplina (SASSAKI, 2009; WERNECK, 2020, 2022; BONITO, 2016; THIOLLENT, 2007); c) reunião de pauta especial; d) plantões para debater a elaboração dos conteúdos acessíveis; e) orientação das implementações; f) e entrevista com estudantes e professoras (etapa final avaliativa). Como produto final, os estudantes confeccionaram produtos para o especial “Envelhe.Ser”, refletindo sobre questões ligadas à terceira idade, que se utilizou das seguintes ferramentas como modo de tornar o produto acessível a pessoas com deficiências sensoriais (visual e auditiva): a) ferramentas de acessibilidade do Wix; b) audiodescrição; c) legendagem; d) transcrição de áudio; e) e janela de Libras com avatar 3D. Como resultados da pesquisa, destaca-se a feitura de seis produções analisadas que contemplam os formatos: Texto Web; Imagem Estática; Audiovisual; Sonoro (Podcast); e Materiais Interativos. Além disso, vale pontuar a conscientização e sensibilização por parte dos participantes em relação à causa PcD e à importância da função do comunicador na promoção da acessibilidade comunicativa. Concluindo, o processo de pesquisa-ação e os produtos comunicacionais acessíveis frutos dessa experiência mostraram a força de se conciliar a prática laboratorial de jornalismo com a acessibilidade comunicativa, o que só enriquece as produções e contribui para uma comunicação cidadã e inclusiva.

**Palavras-chave:** Acessibilidade; Pesquisa-ação; Público PcD; Formação profissional; Jornalismo.

## ABSTRACT

This graduation work has as its theme the interface between accessibility and journalistic laboratory production in a training context and aims to contribute, through action research (THIOLLENT, 2007), with an analysis along the development process of the interface between accessibility and laboratory production with the creation of an online multimedia large reportage accessible to the Disabled public, developed by students of the Journalism Laboratory I course, of the Journalism program at the Federal University of Ceará (UFC). Throughout the course, held in the semester of 2023.1, the researcher (graduate student of Journalism at UFC) interacted with the program content, with the two teachers and with the 28 students enrolled through the following methodological procedures: a) application of an exploratory questionnaire with students (quantitative and qualitative diagnostic stage); b) seminars to discuss communication and accessibility and discipline planning (SASSAKI, 2009; WERNECK, 2020, 2022; BONITO, 2016; THIOLLENT, 2007); c) special agenda meeting; d) shifts to discuss the creation of accessible content; e) implementation guidance; f) and interview with students and teachers (final evaluation stage). As a final product, the students made products for the multimedia large reportage “Envelhe.Ser”, reflecting on issues related to the elderly, which used the following tools as a way of making the product accessible to people with sensory disabilities (visual and hearing): a) wix accessibility tools; b) audio description; c) subtitling; d) audio transcription; e) and Libras window with 3D avatar. As a result of the research, we highlight the creation of six analyzed productions that include the following formats: Web Text; Static Image; Audio-visual; Sound (Podcast); and Interactive Materials. Furthermore, it is worth highlighting the awareness and sensitization on the part of participants regarding the Persons with disabilities (PWD) cause and the importance of the communicator's role in promoting communicative accessibility. In conclusion, the action research process and the accessible communication products resulting from this experience showed the strength of reconciling the laboratory practice of journalism with communicative accessibility, which only enriches the productions and contributes to civic and inclusive communication.

**Keywords:** Accessibility; Action research; Disabled public; Professional training; Journalism.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diagrama da representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação.....	24
Figura 2 - Trecho de plano da equipe e orientação diretiva.....	35
Figura 3 - Trecho de doc com material e sugestão de correção no design.....	36
Figura 4 - Organograma do site.....	43
Figura 5 - Vídeo de demonstrações gerais de recursos assistivos do site.....	44
Figura 6 - Eyetracking de leitura textual em telas.....	45
Figura 7 - Exemplos de fontes sem e com serifa.....	46
Figura 8 - Dicas de cuidados em textos acessíveis.....	47
Figura 9 - Tradução em Libras do título a partir do VLibras.....	48
Figura 10 - Exemplo de hierarquização com estilos no Wix.....	49
Figura 11 - Exemplo de uso do parágrafo 2 para auxiliar uma transcrição de áudio.	50
Figura 12 - Exemplo de audiodescrição.....	52
Figura 13 - Exemplo de audiodescrição apresentada no 1º Seminário.....	53
Figura 14 - Exemplo de audiodescrição feita pela equipe.....	54
Figura 15 - Exemplo da mesma foto transposta para o Wix com alt text.....	55
Figura 16 - Exemplo de uso de LSE e Janela de Libras em obra Audiovisual.....	58
Figura 17 - Trecho de audiodescrição feita pela equipe do João Vitor.....	61
Figura 18 - Trecho de audiodescrição feita pela equipe do Gustavo.....	62
Figura 19 - GC e legenda da fala de Edite Paulino.....	63
Figura 20 - Trecho do webdocumentário com legenda e janela de Libras.....	64
Figura 21 - Trecho da transcrição imersiva do More Than This.....	66
Figura 22 - Trechos do podcast com pontuações de sons na legenda.....	68
Figura 23 - Exemplo de audiodescrição de gráfico.....	70
Figura 24 - Infográfico interativo elaborado pela equipe do Johnnie.....	71
Figura 25 - Audiodescrição adaptada do infográfico interativo.....	72

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Preferência dos estudantes em relação a trabalhar com determinados formatos do jornalismo.....	25
Gráfico 2 - Relação do grau de contato dos estudantes com acessibilidade.....	26
Gráfico 3 - Relação do grau de experiência dos estudantes com conhecimentos basilares da acessibilidade comunicativa.....	26
Gráfico 4 - Relação dos recursos assistivos que o grupo conhecia.....	27
Gráfico 5 - Participação dos respondentes em integrações de comunicação e acessibilidade no curso.....	28
Gráfico 6 - Grau de interesse dos respondentes por temáticas afins ao tema.....	29

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PcD	Pessoa(s) com Deficiência
PsD	Pessoa(s) sem Deficiência
PNADC	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
UFC	Universidade Federal do Ceará
LabJor I	Laboratório de Jornalismo I
BIA	Bolsa de Iniciação Acadêmica
PET	Programa de Educação Tutorial
NACCOM	Núcleo de Acessibilidade e Comunicação
WCAG 2.0	Diretrizes de Acessibilidade para Conteúdo Web 2.0
AD	Audiodescrição
LSE	Legendagem para Surdos e Ensurdidos
Libras	Língua Brasileira de Sinais
CREAECE	Centro de Referência em Educação e Atendimento Especializado do Ceará
BECE	Biblioteca Pública do Estado do Ceará

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1 Comunicação cidadã e pessoas com deficiência.....	17
1.2 Comunicação e acessibilidade.....	19
1.2.1 <i>Acessibilidade Comunicativa no meio digital.....</i>	<i>21</i>
<b>2 A EXPERIÊNCIA DA PESQUISA-AÇÃO.....</b>	<b>22</b>
2.1 Site simulação.....	42
<b>3 TEXTO WEB.....</b>	<b>45</b>
3.1 Estratégias sugeridas às equipes para o formato textual.....	48
3.2 Exemplos de implementações feitas pelas estudantes.....	49
<b>4 IMAGEM ESTÁTICA.....</b>	<b>51</b>
4.2 Exemplos de implementações feitas pelos estudantes.....	54
<b>5 AUDIOVISUAL.....</b>	<b>56</b>
5.1 Estratégias sugeridas às equipes para o formato audiovisual.....	58
5.2 Exemplos de implementações feitas pelos estudantes.....	60
5.2.1 <i>Exemplos de implementações feitas pela equipe do João Vitor.....</i>	<i>61</i>
5.2.2 <i>Exemplos de implementações feitas pela equipe do Gustavo.....</i>	<i>62</i>
<b>6 SONORO (PODCAST).....</b>	<b>65</b>
6.1 Estratégias sugeridas às equipes para formato sonoro.....	67
6.2 Exemplos de implementações feitas pelos estudantes.....	68
<b>7 MATERIAIS INTERATIVOS.....</b>	<b>69</b>
7.1 Estratégias sugeridas às equipes para os materiais interativos.....	70
7.2 Exemplos de implementações feitas pelas estudantes.....	71
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>76</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>79</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos da deficiência, os movimentos sociais de pessoas com deficiência (PcD) e a colaboração da sociedade civil ajudaram a compreender que as limitações funcionais, como cegueira, surdez e mobilidade reduzida, são menos impactantes do que as barreiras ocasionadas pela própria sociedade às PcD, compreensão essa que baseia o modelo social da deficiência (OLIVER, 1996).

Desse modo, o foco da deficiência deixa de ser apenas no indivíduo que era visto estritamente como um doente, alguém 'que tem algo errado', devendo ser segregado ou apenas integrado, e passa a ser no campo biopsicossocial, contextualizando a PcD no ambiente tanto físico quanto social/atitudinal, que pode ser facilitador ou uma barreira no seu processo de inclusão, corresponsabilizando, assim, a comunidade (OLIVER, 2004).

Vale dimensionar, a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do IBGE (2022), que a população com deficiência no Brasil foi estimada em 18,6 milhões (considerando as pessoas com 2 anos ou mais). O que corresponde a 8,9% da população. Algo muito próximo da estimativa genérica de 10% da população geral (ou 1 PcD a cada 10 PsD) que, segundo Romeu Sasaki (1998), é aludida pela OMS e ONU.

Trata-se de um número considerável de pessoas que precisam ser incluídas nas discussões sobre comunicação social, já que privá-las dos direitos à comunicação e à informação, influi direta ou indiretamente em privações nas esferas políticas, culturais, econômicas, tecnológicas, interpessoais, entre outras.

Em relação aos comunicadores e à inclusão, também importa salientar o que diz Dominique Wolton (2010, p. 6): “comunicar é cada vez menos transmitir, raramente competir, sendo cada vez mais negociar e, finalmente, conviver”. Abrir um espaço para a comunicação com o outro implica, muitas vezes, negociações sobre acertar o tempo disponível para trabalhar acessibilidade, quais as tecnologias assistivas usar, observar a legislação, quais os recursos financeiros e humanos disponíveis e, principalmente, atentar-se para as reivindicações e necessidades do público PcD.

Esse processo de negociação é dinâmico, tanto há limitações que surgem durante o trabalho como há soluções criativas para contorná-las. A verdade é que nada está dado, por isso mesmo tem de haver a negociação, já que se a

preocupação for apenas transmitir, sem ter esse processo dinâmico como base, o resultado será a incomunicação (WOLTON, 2010). O mais importante é que se põr na balança, já existem vários elementos legais, assistivos e luta anticapacitista ativa<sup>1</sup>. Porém, de acordo com Luciano Coletto, Gabriel Pujol Martinez e Marco Antonio Bonito (2017) o acompanhamento dessas questões pelos setores e profissionais da comunicação está aquém do esperado, precisando equilibrar esse desnível.

Uma maneira de trabalhar esse equilíbrio é atuar na formação profissional, preparando o estudante para adentrar no mercado com saberes acerca de inclusão, estudos da deficiência, tecnologias assistivas e acessibilidade.

Nesse propósito, desenvolveu-se a seguinte problemática de estudo: Como aliar acessibilidade e produção laboratorial jornalística num contexto formativo?

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar o processo de fomento da interface entre acessibilidade e produção laboratorial na disciplina de Laboratório de Jornalismo I do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Já os objetivos específicos são:

- 1) Mapear as potencialidades e carências do curso de jornalismo quanto à questão, tendo a turma como amostra e focando PcD sensorial;
- 2) Analisar as implementações realizadas pelos participantes ao fim das suas produções;
- 3) Descrever os pontos positivos ou negativos quanto à condução da pesquisa-ação e condições de êxito a partir de autoavaliação e das avaliações de quatro estudantes e das duas professoras da disciplina.

A cadeira de Laboratório de Jornalismo I, ou LabJor I, trabalha com o planejamento, produção de conteúdos e edição de conteúdos em Jornalismo. As produções são desenvolvidas em equipe e têm um tema em comum, no caso da nossa turma o tema escolhido foi o envelhecimento. A cadeira acontece no 6º semestre e tem como horizonte a convergência midiática, sendo o produto final um especial multimídia no site da Agência Avenida, a agência é própria do LabJor I e está na plataforma Wix, onde se agrupam todas as produções desenvolvidas.

---

<sup>1</sup> O capacitismo está para as pessoas com deficiência da mesma forma que o racismo para as pessoas negras, o machismo para as mulheres, a LGBTfobia para os LGBTQIA+. É uma tradução da palavra inglesa "ableism" e tem o papel de expressar e sintetizar a ideia de "discriminação por motivo de deficiência" (UFBA, 2021, on-line). Ver mais em:

<<https://www.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/12999-a-luta-anticapacitista-e-de-todos>>.

Acesso em: 19 out. 2023.

Como foi brevemente mencionado, a metodologia que servirá para conduzir e chegar ao objetivo geral e aos específicos será a da pesquisa-ação (LEWIN, 1978; THIOLENT, 2007; TRIPP, 2005).

Especialmente por ser uma metodologia que implica uma proximidade maior do pesquisador com a realidade estudada, principalmente nos aspectos participativos e interventivos, cabe aqui trazer alguns pontos da minha trajetória pessoal.

Sou uma pessoa com deficiência física, mais especificamente com má formação congênita dos membros superiores e inferiores. Dessa maneira, ser PcD atravessa de forma transversal meu desenvolvimento desde o nascimento, passei por situações de exclusão, de *bullying* e enfrentei/enfrento barreiras instrumentais (barreiras em instrumentos, ferramentas, utensílios, etc.), arquitetônicas e atitudinais (preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para PcD) — definições dessas barreiras à luz de Romeu Sasaki (2009).

Mas também tive momentos positivos com pessoas buscando me auxiliar nas dificuldades, me incluir e me tratando com respeito, sem tender para o pêndulo de enxergar meu caso com pena ou com um “fetiche” pela superação.

Outro aspecto é que desde criança o discurso de “você tem direito a algumas coisas, tá na lei!” e termos como “criança especial” influenciaram numa certa curiosidade e percepção da diferença. Na medida que amadurecia, fui conhecendo mais e me apropriando de conhecimentos acerca de estudos da deficiência, questões do direito das pessoas com deficiência, inclusão, acessibilidade, etc.

No início do curso de jornalismo, passei pela iniciação acadêmica (BIA) relacionada à inclusão e acessibilidade na secretaria UFC - Inlui, onde adquiri conhecimentos, com capacitações técnicas e discussão teórica, refleti sobre minha prática, bem como conheci agentes que constroem coletivamente a inclusão na UFC e mais estudantes PcD. Minha experiência na BIA girou majoritariamente em torno da acessibilidade para pessoas com deficiência visual e com deficiência auditiva (pessoas com deficiência sensorial).

Essa trajetória foi importante, já que boa parte das barreiras de comunicação acontecem por falta de acessibilidade para esse grupo. Além disso, as disciplinas mais voltadas aos fundamentos da comunicação, cidadania e direitos humanos do início do curso foram se ressignificando, visto que comecei a fazer paralelos entre

cidadania comunicativa, direito à comunicação e informação com acessibilidade comunicativa, acessibilidade digital e inclusão de PcD.

A partir de então, minha relação com a acessibilidade e comunicação se deu em duas frentes na faculdade: primeiro na disciplina de “Pesquisa em Comunicação e em Jornalismo” escolhi trabalhar nesse eixo temático com vistas ao TCC e em segundo lugar passei a adotar, sempre que pude, ações de acessibilidade nas disciplinas com enfoque mais prático, inclusive quando cursei LabJor I em 2022.2.

No caso da disciplina de pesquisa, fiz uma busca de referencial teórico e bibliográfico que unisse acessibilidade e comunicação no Google Acadêmico e bibliotecas da UFC, que embora tenham uma certa literatura, ainda estão longe de outras discussões dentro da comunicação. Há pesquisas de comunicação e acessibilidade, só que estão relacionadas à literatura, educação, saúde, informática, entre outros, mas não muito à comunicação social em si.

A disciplina me levou também a integrar o PET Comunicação Social (PETCom), que contemplava uma proposta de pesquisa, sendo uma forma de iniciar uma aplicação desse projeto de pesquisa desenhado na cadeira.

No PETCom a proposta foi se desenvolvendo e dela nasceu o Núcleo de Acessibilidade e Comunicação (NACCOM), com objetivo de atuar no tripé acadêmico de ensino, pesquisa e extensão, articulando comunicação e acessibilidade.

Um ponto motivador crucial para trilhar esse caminho foi a percepção de que há uma demanda social crescente de acessibilidade no geral e que ainda há muitas lacunas na área da comunicação sobre isso, que são também verificáveis no Curso de Jornalismo. As cadeiras do primeiro ano poderiam abordar mais a causa das pessoas com deficiência ao falar de cidadania e direito à comunicação, já as práticas poderiam inserir pontos-chave de acessibilidade próprios de cada mídia. Senti falta desses elementos ao pensar no curso retrospectivamente.

Ainda nesse caráter retrospectivo, a pesquisa-ação que empreendi com a turma sintetiza bem o decorrer da minha formação, especialmente no que tange o assunto sobre mais me debrucei, de modo que a experiência que tive anteriormente nos trabalhos práticos de cadeiras e no NACCOM — sejam erros, sejam acertos — contribuíram para as etapas da pesquisa-ação, bem como as vivências e dados coletados nela ajudaram a compreender ainda mais a questão, e verificar e dimensionar deficiências do curso quanto à acessibilidade.

## 1.1 Comunicação cidadã e pessoas com deficiência

Antes de aprofundar sobre acessibilidade comunicativa, é interessante abordar sobre um ponto que perpassa a formação dos estudantes do curso de jornalismo ainda no primeiro ano de formação, que é a articulação entre cidadania e comunicação, marcada pela disciplina Comunicação, Cidadania e Direitos Humanos, onde se reflete sobre questões caras e que foram retomadas na pesquisa-ação, com enfoque nas pessoas com deficiência, como Direito Social à Informação e Direito à Comunicação e Cidadania Comunicativa (JORNALISMO.UFC.BR, on-line).

Um ponto de partida é o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos diz que: “Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras” (ONU, 1948, on-line).

O artigo se relaciona bastante com a acessibilidade, quando há uma barreira, há uma interferência no processo comunicativo. Por exemplo, quando há um portal que não está acessível digitalmente, a pessoa com deficiência visual não conseguirá receber a informação se o texto não for lido pelo leitor de tela, nem conseguirá procurar uma matéria caso não haja uma indicação da janela de busca para o leitor.

A questão dos meios também deve ser considerada, visto que determinados meios são menos acessíveis para determinados tipos de deficiência. O rádio é essencialmente sonoro, o que é inacessível para surdos, já o jornal impresso em tinta é essencialmente visual, o que é inacessível para cegos. A televisão ao trazer a imagem e o som acaba sendo acessível para ambos os grupos. No entanto, todos necessitam de recursos de acessibilidade e estratégias de adaptação. Exemplificando, para deixar algo do rádio acessível para surdos será necessária uma adaptação por transmutação, passando do sonoro para o impresso ou para o audiovisual legendado, preferencialmente junto a um intérprete de Libras.

Além disso, de acordo com a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência: “Direitos humanos, democracia e acessibilidade são indissolúveis, pois representam o respeito e a valorização da diversidade humana, como instrumento de bem-estar e de desenvolvimento inclusivo.” (BRASIL, 2005, p. 9).

Posto isso, é necessário aprofundar algumas questões. De início, trazer o construto da cidadania comunicativa a partir do texto de Laura Wottrich (2013):

No esforço de matizar e ampliar o debate da cidadania frente à centralidade dos meios na constituição dos espaços públicos, surge o conceito de cidadania comunicativa (Monje *et al.*, 2009). Segundo os autores, a cidadania comunicativa vem do reconhecimento que o indivíduo adquire de sua capacidade de ser sujeito de direito e de demanda no terreno da comunicação pública e do exercício desse direito. Ainda, os autores percebem que a comunicação é constitutiva da cidadania, visto que o espaço público midiático condiciona ações coletivas e torna-se palco de construção e partilha de demandas e direitos. (MONJE *et al.*, 2009 apud WOTTRICH, 2013, p. 6).

A cidadania comunicativa por tratar da dimensão dos direitos, especialmente o direito à comunicação, contempla bem elementos importantes da acessibilidade que propus durante as ações com a turma de Laboratório de Jornalismo I.

Abordei sobre como a comunicação visando a cidadania deve favorecer uma via de mão dupla, onde há a figura de quem gera o conteúdo acessível e a figura daquele que o acessa, sendo que a não existência de uma acessibilidade desfavorece a PcD de se informar, de estar atualizada quanto às notícias, de partilhar suas ideias, de expressar opiniões e de agir em sociedade plenamente e essa mesma sociedade deixa, “se priva”, de receber os discursos, os afetos e contribuições desses sujeitos (WERNECK, 2022).

Esse processo tira a autonomia da PcD e a coloca à mercê da disponibilidade e mediação (inclusive da subjetividade) de outrem para acessar a informação. A soma dessas privações na comunicação gera, muitas vezes, privações políticas, culturais, econômicas, tecnológicas, interpessoais, entre outras.

O pensamento de Jürgen Habermas (1997) sobre o poder comunicativo dialoga com o que foi apresentado, mas acrescenta pontos importantes, a exemplo de reconhecimento mútuo e liberdades comunicativas. Tocar tais aspectos é crucial, pois há subestimação de capacidades comunicativas de PcD (WERNECK, 2020).

O poder comunicativo só se forma naqueles espaços públicos que produzem relações intersubjetivas na base do reconhecimento mútuo e que possibilitam o uso das liberdades comunicativas – que possibilitam, portanto, posicionamentos sim/não relativamente a temas, razões (Grunde) e informações livremente flutuantes. (HABERMAS, 1997, p. 93)

A soma dessas considerações reforça a importância de associar discussões sobre comunicação e cidadania com acessibilidade e inclusão de PcD.

## 1.2 Comunicação e acessibilidade

O foco da questão é a interface comunicação e acessibilidade. Ambos os construtos têm subdivisões e são amplos, isolando apenas comunicação já se encontra um número considerável de campos profissionais, literatura, trabalhos, teorias, temáticas e diferentes abordagens.

No campo da acessibilidade pode-se pensar em seis dimensões (SASSAKI, 2009) que também contam com desdobramentos diversos: dimensão arquitetônica (sem barreiras físicas); comunicacional (sem barreiras na comunicação escrita, interpessoal e digital); metodológica (sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação, etc.); instrumental (sem barreiras em instrumentos, ferramentas, utensílios, etc.); programática (sem barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc.) e atitudinal (sem preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para PcD).

No âmbito legal, o inciso I do artigo 3º do Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015) considera:

I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL, 2015, on-line).

A interface entre esses dois construtos também é bastante rica, pode-se pensar em Jornalismo Acessível, militância da causa PcD, inclusão no mercado de trabalho e questões laborais em empresas de comunicação, acessibilidade comunicacional e comunicativa, etc.

Vale dizer que a acessibilidade comunicacional e a comunicativa serão mais destacadas. No entanto, por que não substituir a ideia de interface comunicação e acessibilidade por acessibilidade comunicacional e/ou comunicativa? A resposta está ligada com o que foi dito acima, a interface de comunicação e acessibilidade vai além dessas duas categorias.

Outrossim, é interessante trazer o pensamento de Marco Antonio Bonito (2015) sobre a acessibilidade comunicativa que é compreendida como “o conjunto de processos que visam desobstruir e promover a comunicação sem barreiras como direito humano fundamental.” (BONITO, 2015, p. 88).

Desse modo, a acessibilidade comunicativa não se limita a tornar um material inacessível em acessível, pode-se ampliar o escopo com as PcD interagindo com aquele material tornado acessível, bem como sendo geradoras de conteúdo, trabalhando com comunicação social; e, assim, podem se tornar agentes ativos no processo comunicacional.

Outro ponto importante da acessibilidade comunicativa é integrá-la a todo o processo jornalístico. Bonito (2016) defende que essa dimensão da acessibilidade deve ser pensada desde o início:

A “Acessibilidade Comunicativa” deve ser parte da gênese da pauta, para que seja planejada, contemplada e desenvolvida conjuntamente com as demais características, evitando assim que os conteúdos, depois de prontos, sejam adaptados às necessidades das pessoas com deficiência. Esta prática, ao longo do tempo, contribuirá naturalmente para a otimização do processo de produção jornalística sob as lógicas do Desenho Universal. É preciso que os jornalistas e demais produtores de conteúdo entendam que conteúdos acessíveis às pessoas com deficiência não são um “trabalho extra”, mas sim uma clara demonstração de respeito à diversidade funcional das pessoas e ao direito humano à comunicação sem barreiras. (BONITO, 2016, p. 192)

Um exemplo que ilustra a importância da acessibilidade comunicativa foi o caso do programa Profissão Repórter da Rede Globo, do dia 16 de agosto de 2017, que trouxe o tema: “Deficientes visuais e auditivos mostram dificuldades e superação”<sup>2</sup>. O programa foi analisado por Marco Antonio Bonito, junto a Luciano Coletto e Gabriel Araújo Pujol Martinez sob a dimensão da acessibilidade comunicativa na publicação “Comunicação para todos: como a falta de acessibilidade comunicativa gera incomunicação?” (2017).

Acontece que, segundo os autores, mesmo trabalhando em cima desse tema, a reportagem não se preocupou com os aspectos de inclusão comunicativa, não possuindo Audiodescrição (AD), legenda ou tradução em Libras. “Assim, dificultando a compreensão do grupo social retratado e de grande parte dos próprios entrevistados.” (COLETTO; MARTINEZ; BONITO, 2017, p. 4).

Portanto, isso demonstra que mesmo os grandes conglomerados de comunicação, com amplo capital e tecnologia disponíveis, ainda apresentam barreiras comunicativas para pessoas com deficiência, até mesmo em produtos realizados com/para esse público.

---

<sup>2</sup> A reportagem está disponível no Globoplay, sem necessidade de assinatura, só cadastro. Link para a reportagem: <<https://globoplay.globo.com/v/6083908/>>. Acesso em: 21 out. 2023.

### **1.2.1 Acessibilidade Comunicativa no meio digital**

Antes de pensar a acessibilidade comunicativa no meio digital é interessante pensar no modo como a sociedade foi e é modulada por essa instância. Anthony Giddens (2005) destaca os elementos típicos desse meio propiciados pela tecnologia, especialmente a internet, como o encurtamento da distância e a instantaneidade das comunicações e acesso a informações, o ambiente virtual que toma cada vez mais tempo e atenção, a troca de interações presenciais por interações online, entre outros.

Em síntese, a sociedade está cada vez mais digital e isso reforça a importância de convergir tecnologia, web e inclusão, visto que é fundamental que pessoas com deficiência tenham acessibilidade digital<sup>3</sup> garantida.

Uma referência importante nesse âmbito são as Diretrizes de Acessibilidade para Conteúdo Web 2.0, conhecidas como WCAG 2.0<sup>4</sup> (Web Content Accessibility Guidelines), recomendadas pelo W3C (World Wide Web Consortium), um consórcio internacional no qual organizações filiadas, uma equipe em tempo integral e o público trabalham juntos para desenvolver padrões para a Web<sup>5</sup>.

De acordo com a WCAG 2.0 (2014):

O cumprimento destas diretrizes fará com que o conteúdo se torne acessível a um maior número de pessoas com incapacidades, incluindo cegueira e baixa visão, surdez e baixa audição, dificuldades de aprendizagem, limitações cognitivas, limitações de movimentos, incapacidade de fala, fotossensibilidade bem como as que tenham uma combinação destas limitações. Seguir estas diretrizes fará também com que o conteúdo Web se torne mais usável aos utilizadores em geral. (2014, on-line).

Com base nessas diretrizes, os profissionais da informação, especialmente programadores; plataformas; sites; big techs e usuários comuns podem promover a acessibilidade digital, o que tem impacto direto na atuação dos comunicadores que podem fazer uso dessas tecnologias e aplicações na construção de produtos, pautas e interfaces mais inclusivas para pessoas com deficiência, propiciando uma união da acessibilidade digital com acessibilidade comunicativa.

---

<sup>3</sup> Acessibilidade Digital é a eliminação de barreiras na Web. O conceito pressupõe que os sites e portais sejam projetados de modo que todas as pessoas possam perceber, entender, navegar e interagir de maneira efetiva com as páginas (GOV.BR, on-line). Ver mais em: <<https://www.gov.br/governodigital/pt-br/acessibilidade-digital>>. Acesso em: 22 out. 2023.

<sup>4</sup> Disponível em <<https://www.w3.org/Translations/WCAG20-pt-br/>>. Acesso em: 01 nov. 2023.

<sup>5</sup> Disponível em <<https://www.w3c.br/Home/SobreW3CBrasil>>. Acesso em: 22 out. 2023.

## 2 A EXPERIÊNCIA DA PESQUISA-AÇÃO

Primeiramente, me interessa lidar com a pesquisa buscando transformar a realidade social estudada e não só compreendê-la, sobretudo na temática escolhida. Tendo isso em conta e também o problema de pesquisa, pensei que um método mais intervencionista fosse mais adequado e efetivo. À vista disso, escolhi a pesquisa-ação como metodologia para o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC).

A pesquisa-ação permite a participação do autor e a interação de outros atores na produção de conhecimento acerca do tema pesquisado.

Michel Thiollent, em seu livro “Metodologia da Pesquisa-ação” (2007), define pesquisa-ação como:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2007, p.16).

O autor aponta também que quando se traz as pessoas para a resolução do próprio problema “há condição de estudar este problema num nível mais profundo e realista do que no nível opinativo ou representativo no qual se reproduzem apenas imagens individuais e estereotipadas.” (THIOLLENT, 2007, p. 26).

Sobre a pesquisa-ação com a turma em si, vale trazer elementos, acrescentando e aprofundando aspectos pontuados anteriormente. A disciplina aconteceu no semestre 2013.1, o grupo era formado por 28 estudantes, eu como pesquisador e duas professoras. A carga horária foi de 108 h/a distribuídas para: planejamento de produto prático em jornalismo (16 horas-aula), duas produções de conteúdo para o projeto prático (64 horas-aula), edição de conteúdos para o projeto prático (16 horas-aula) e disseminação do produto realizado<sup>6</sup> (12 horas-aula).

Essa quantidade de horas práticas e essa sistematização foi um dos motivos da escolha da cadeira, pois propicia mais tempo para construir a ponte entre acessibilidade e comunicação nos níveis conceituais, técnicos e reflexivos para a turma, ao tempo que o aprendizado adquirido já tem aplicação em todas as etapas

---

<sup>6</sup> Até o momento da escrita deste trabalho, não houve a disseminação do produto realizado. A carga horária destinada a essa tarefa foi remanejada para a produção e edição, e a disseminação do especial multimídia seria realizada em momento posterior no site da Agência Avenida, mas não pelos discentes.

(planejamento, produção e edição). Desse modo, a dimensão da acessibilidade atravessou de forma transversal tais processos em uma considerável carga horária.

Outro motivo da escolha é que a cadeira se dá no 6º semestre da matriz curricular, após o estudante ter passado por várias cadeiras teóricas e práticas, principalmente práticas, onde teve contato com as diferentes mídias. Isso é interessante, já que os estudantes de LabJor I, por terem essa bagagem, são tanto um termômetro diagnóstico da experiência do curso com acessibilidade até então como tendem a ter mais facilidade de juntar acessibilidade comunicativa com as produções a serem desenvolvidas, pois têm maior domínio das práticas jornalísticas.

Um fator importante a ser posto é que cursei Laboratório de Jornalismo I no semestre anterior (2022.2) à pesquisa-ação, com a experiência de atuar na Comissão de Acessibilidade, que passou a existir junto com a comissão já estabelecida de Identidade Editorial por demanda da própria turma ao pôr a acessibilidade como valor editorial naquele semestre. Esses contatos prévios com a disciplina, com os professores, ao mesmo tempo com a experiência inédita da Comissão de Acessibilidade (a disciplina já tinha algumas articulações entre inclusão e produções, mas sem o status, estrutura e sistematização de uma comissão), foram fundamentais para a realização do trabalho com a turma do semestre seguinte.

No entanto, houve o afastamento do professor Rafael Rodrigues em função do pós-doutoramento, sendo ele junto à professora Erilene Firmino os docentes que ficavam encarregados de LabJor I. Isso influenciou na pesquisa-ação na medida que haveria a necessidade de uma substituição do professor e um planejamento mais cauteloso feito por Erilene, considerando a situação.

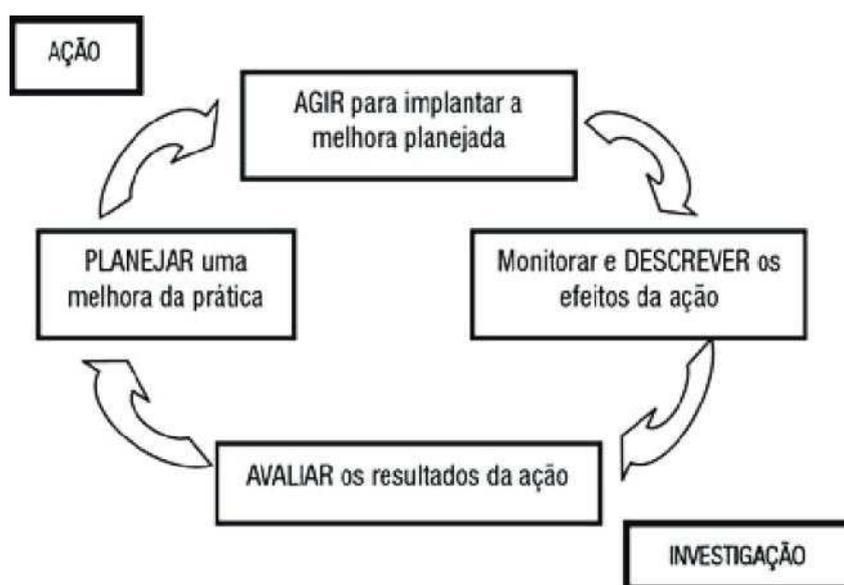
Dessa maneira, logo de início há uma mudança de cenário em relação ao semestre anterior que somado às novidades de participantes, um novo tema e novas equipes para Laboratório de Jornalismo I em 2023.1, criou um misto entre estar familiarizado e estar perante o desconhecido. Thiollent discorre um pouco sobre isso: “há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada” (THIOLLENT, 2007, p. 51).

O diálogo foi crucial para contornar essa questão. No princípio mais com a professora Erilene em relação a permissões, ao planejamento, a momentos de intervir e situação da cadeira. Depois, o diálogo foi se ampliando com os estudantes que acolheram a ideia de trabalhar com a acessibilidade nas produções e aceitaram

fazer parte da pesquisa-ação. A partir disso, comecei a trabalhar nas etapas: diagnóstica, de planejamento, de ações, de implementações e avaliativa.

Em relação às fases, elas seguem, com algumas adaptações, a ideia de Tripp (2005) com um processo que se dá em ciclos para aprimorar a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela (conforme figura 1). Assim, apesar de haver etapas mais marcadas de um caráter de determinada fase, há muito uma dinâmica de idas e vindas: diagnóstico de uma ação, ação em meio às implementações, avaliação preliminar de uma ação, planejamento após essa avaliação, nova ação após esse planejamento visando melhoria, etc.

Figura 1 - Diagrama da representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação.



Fonte: Tripp (2005).

Antes mesmo do início da etapa diagnóstica, verifiquei com a professora o momento para abordar a proposta de pesquisa com os estudantes, pedir o consentimento para participação, explicar a dinâmica que iríamos trabalhar e, por fim, aplicar o instrumento de pesquisa para o diagnóstico, que era um questionário com caráter quanti-qualitativo (Anexo 1). Esses foram os passos do primeiro contato com a turma no dia 30 de março. Nesse dia havia maioria presente, tanto que dos 28 participantes da disciplina, 24 responderam ao questionário. Assim sendo, o

questionário tinha uma amostra representativa do grupo total, o que fortaleceu o grau de confiança dos dados para o planejamento das etapas seguintes.

Alguns achados diagnósticos a partir do questionário:

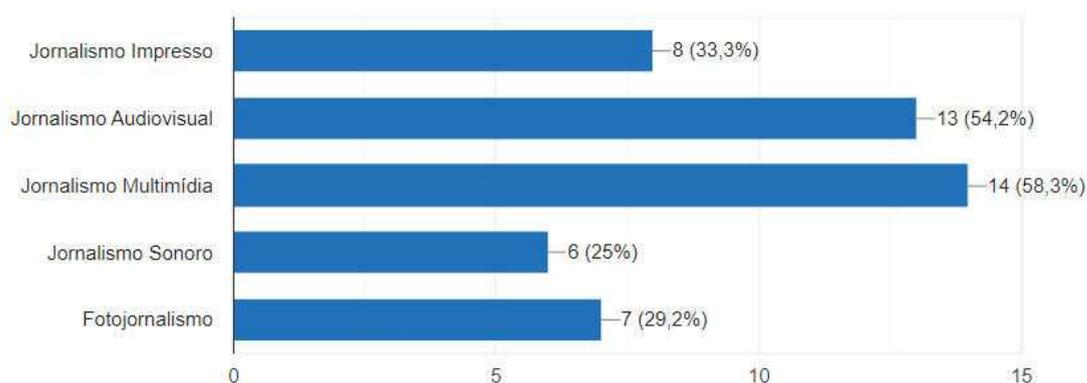
Dois estudantes entre os respondentes eram PcD, sendo uma com deficiência física e outra com mobilidade reduzida.

Havia a necessidade de entender quais as preferências da turma em relação aos formatos/linguagens do jornalismo, para pensar quais ferramentas e conhecimentos seriam potencialmente utilizados na construção da acessibilidade dos materiais finais e assim reforçar e focar mais nesses elementos.

Gráfico 1 - Preferência dos estudantes em relação a trabalhar com determinados formatos do jornalismo.

Qual(is) você prefere trabalhar?

24 respostas



Fonte: Resumo do Google Forms a partir dos dados coletados no questionário.

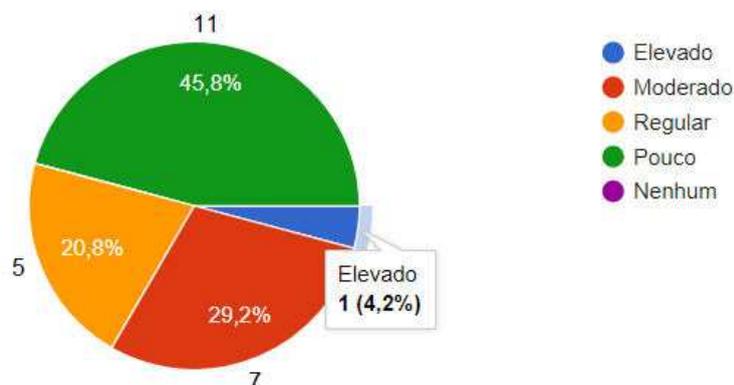
No questionário essa pergunta permitia mais de um item por respondente e os resultados apontaram que havia uma preferência de trabalhar com Jornalismo Audiovisual e Jornalismo Multimídia. No entanto, as outras opções tiveram números consideráveis de adesão. Por isso, passei a considerar uma abordagem mais geral, contemplando os diferentes formatos e suas necessidades para acessibilidade comunicativa.

Indo a aspectos de compreensão do contato prévio que a turma teve com o campo temático para fazer um certo mapeamento do grupo que ajudou a conduzir etapas posteriores:

Gráfico 2 - Relação do grau de contato dos estudantes com acessibilidade.

Qual seu grau de contato com acessibilidade?

24 respostas



Fonte: Adaptado pelo autor com auxílio do resumo do Google Forms.

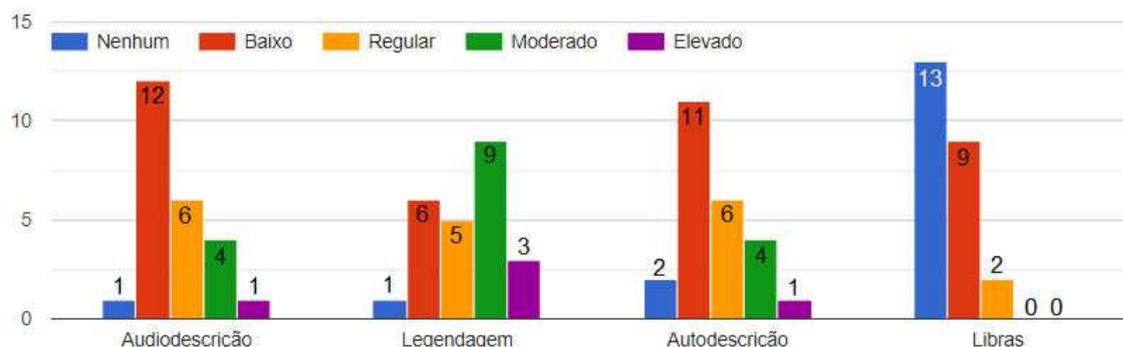
Aqui há a questão do grau de contato com acessibilidade de forma mais geral, especialmente considerando as vivências e experiências anteriores com familiares, amigos ou consigo mesmo; e a busca de informações sobre o assunto. As respostas apontaram que mais da metade da turma apresentava pouco ou regular grau de contato com acessibilidade. Essa informação ajudou no nivelamento da turma e a pensar ações com formações, em particular uma formação introdutória.

As duas perguntas seguintes já estão em um nível mais específico:

Gráfico 3 - Relação do grau de experiência dos estudantes com conhecimentos basilares da acessibilidade comunicativa.

Qual seu grau de experiência com os conhecimentos:

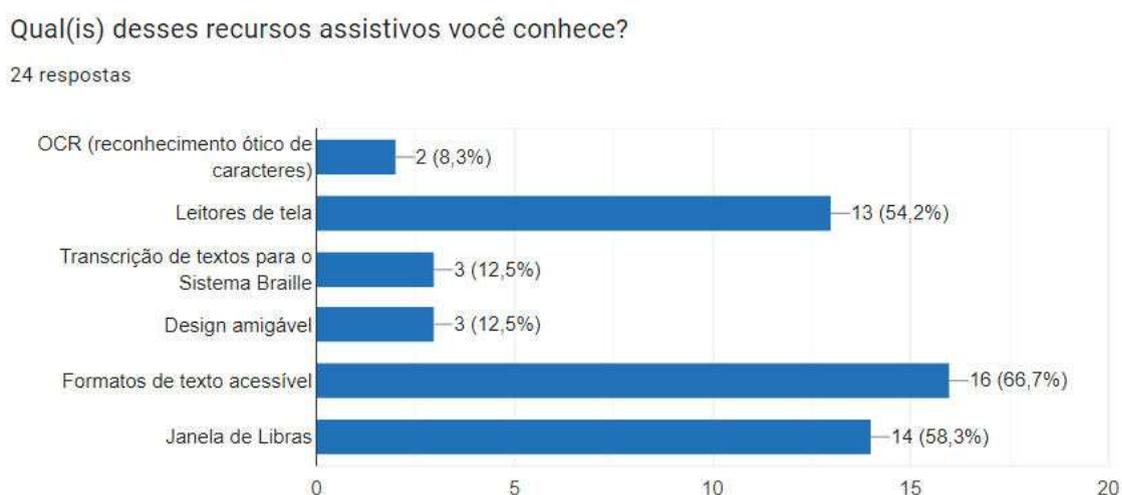
24 respostas



Fonte: Adaptado pelo autor com auxílio do resumo do Google Forms.

Esses resultados apontaram que os estudantes apresentavam mais experiência com audiodescrição e autodescrição (ligados a pessoas com deficiência visual) e legendagem (ligados a pessoas com deficiência auditiva). Porém, no caso de Libras (ligados a pessoas com deficiência auditiva), a ampla maioria tinha nenhuma ou baixa experiência. Assim, como no caso anterior, essas informações serviram para planejar ações futuras. Além disso, nessas duas mensurações do contato prévio, fiquei atento aos estudantes que indicaram maior grau de contato, moderado e elevado, pois poderiam colaborar com a bagagem anterior que construíram, dando suporte e acrescentando e/ou debatendo questões, para a construção de um saber coletivo e dialógico durante o fazer (FREIRE, 1982).

Gráfico 4 - Relação dos recursos assistivos que o grupo conhecia.



Fonte: Resumo do Google Forms a partir dos dados coletados no questionário.

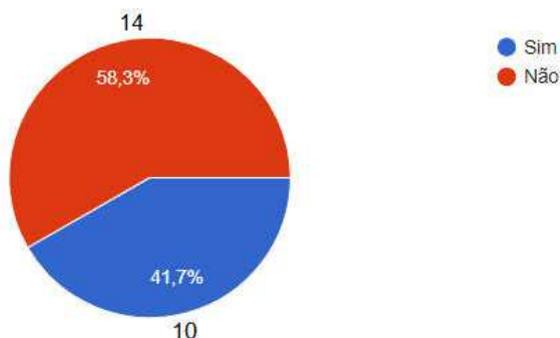
No questionário essa pergunta, assim como a segunda, permitia mais de um item por respondente, serviu para mapear algo ainda mais específico que são os recursos assistivos, no caso quais eram conhecidos pelos respondentes. Se destacaram: leitores de tela, formatos de texto acessível e janela de Libras. Os outros foram mais inexpressivos e ainda se ligavam menos com os formatos escolhidos, com exceção de design amigável. Por isso, não aprofundi sobre eles, só fiz pequenas pontuações durante as ações.

Diferente de então, as próximas questões tinham uma relação de ramificação, onde a resposta “sim” implicava responder à próxima e “não” deveria pulá-la. Devido a isso, aglutinei as duas, sendo que a segunda é a única qualitativa do questionário.

## Gráfico 5 - Participação dos respondentes em integrações de comunicação e acessibilidade no curso.

Você já participou de algum projeto, construção de material, disciplina do curso, etc. que integrasse acessibilidade e comunicação?

24 respostas



Se sim, relate um pouco sobre essa(s) experiência(s):

10 respostas

Em trabalhos de mídias sociais normalmente faço textos alternativos para os posts, que consiste em descrever as imagens que foram colocadas. E em vídeos também sempre faço a legendagem das falas.

Na disciplina de cultura e linguagens das mídias desenvolvemos uma thread sobre audiodescrição nas redes sociais e como utilizá-la em cada plataforma.

Na disciplina de Jornalismo multimídia, eu e minha equipe produzimos materiais para o instagram. Um deles era um vídeo e nós utilizamos a legenda automática do Instagram para que mais pessoas pudessem ter contato com o nosso vídeo.

Eu e minha equipe fizemos um trabalho sobre as deficiências não visíveis, uma cartilha voltada para o público infantil que falava sobre as deficiências que não podemos ver, mas que elas existem.

Foi um projeto no segundo semestre. Minha equipe e eu fizemos um post explicando a importância da audiodescrição nas imagens em redes sociais.

Realizei um projeto multimídia na disciplina de Edição em Jornalismo em que a proposta era tornar todo o site multimídia acessível para pessoas com diferentes tipos de deficiência.

Desde o início do projeto, o site Ceará em Cena tem a proposta de ser acessível ao mesmo tempo que é multimídia.

No segundo semestre eu gravei uns mini tutoriais para legendar vídeos. Mostrei como adicionar legendas pelo Instagram e por um editor externo (capcut).

Na cadeira de Cultura e Linguagem das Mídias eu e minha equipe fizemos uma thread sobre audiodescrição. Para fazer a produção, nós estudamos o assunto e entramos em contato com o Instituto Dorina Nora.

Fiz uma reportagem em vídeo para a disciplina de Jornalismo Audiovisual, onde abordamos sobre a acessibilidade na UFC, trazendo entrevistas de estudantes com deficiência e da Secretaria de Acessibilidade UFC Incluir. Foi uma experiência única em que pude aprender muito sobre o tema e entender melhor as dificuldades que essas pessoas têm diariamente.

Fonte: Adaptado pelo autor com auxílio do resumo do Google Forms.

As respostas dessas duas questões devem ter particular destaque, porque nelas está um recorte específico relacionado à formação na universidade, às experiências no curso. A dimensão diagnóstica nesse caso se liga com uma certa verificação, visto que a disciplina acontece no 6º semestre de oito, com base na matriz curricular de 2020<sup>7</sup>. Potencialmente, os estudantes entram nela já tendo cursado várias disciplinas práticas, passado por bolsas de ensino, pesquisa e principalmente de extensão (a curricularização da extensão favorece esse contato desde os semestres iniciais), e, até mesmo, passado por experiências de estágio.

Portanto, ter um pouco mais da metade (58,3%) de respondentes que ingressaram na cadeira sem ter participado de nenhum projeto, construção de material ou disciplina que integrasse acessibilidade e comunicação é algo a se considerar, mais ainda, debater no curso.

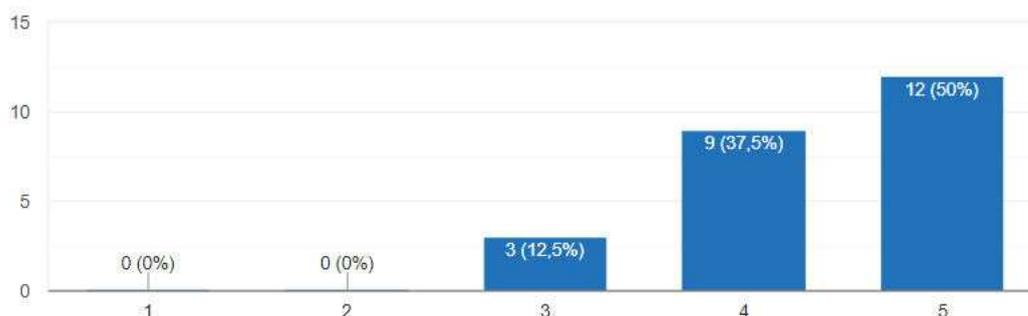
Outrossim, na segunda questão há relatos de experiências com essa integração, sendo que Cultura e Linguagens das mídias foi citada mais de uma vez, acompanhada de Jornalismo Multimídia, Jornalismo Audiovisual e Edição em Jornalismo, citados uma vez. Além disso, selecionei algumas dessas respostas para conversar posteriormente com o respondente, a fim de entender melhor a experiência e esclarecer se foi em disciplina, em bolsa, ou outro caso.

Por fim, a última pergunta do questionário tinha uma natureza mais prospectiva.

Gráfico 6 - Grau de interesse dos respondentes por temáticas afins ao tema.

Para além das temáticas já apresentadas, qual seu grau de interesse em relação a discussões sobre temas como: capacitismo, barreiras enfrentadas por PcD, luta anticapacitista e inclusão?

24 respostas



Fonte: Resumo do Google Forms a partir dos dados coletados no questionário.

<sup>7</sup> Disponível em <<https://www.jornalismo.ufc.br/matriz-2020>>. Acesso em: 03 nov. 2023.

Prospectar esse interesse foi fundamental para ter uma noção do grau de abertura e adesão do grupo em relação a questões afins da proposta de pesquisa-ação que tinha acabado de lançar. Metade dos respondentes indicaram grau máximo de interesse, seguido de 9 com grau 4/5 e 3 com grau 3/5. Desse modo, iria trabalhar nas próximas etapas com a noção de que o grau de interesse era alto. Por isso, teria a possibilidade de abordar essas ideias com certa tranquilidade de uma troca receptiva, agregando valor à discussão, deixando-a mais dialógica e levando-a a ir para além da técnica, que é importante, mas se ela é muito centralizada, pode empobrecer uma dinâmica de acessibilidade e inclusão.

Finalizada esta etapa, iniciou-se a etapa de planejamento. Novamente houve diálogo com a professora Erilene para compreender o avançar da disciplina, e reflexão sobre os desdobramentos possíveis a partir dos dados coletados.

A partir de então, adotei uma postura de observação e aguardei, inclusive orientado por Erilene, alguns conteúdos básicos serem passados, as demandas da disciplina ficarem mais claras para a turma, os conceitos de jornalismo multimídia serem reforçados e expandidos, o tema geral do especial multimídia ser escolhido, as equipes se formarem (tendo ficado oito no total) e, principalmente, as pré-pautas serem entregues, onde seriam postas informações, sendo duas delas imprescindíveis ao planejamento: o tema escolhido (relacionado ao tema geral) e os formatos/produtos pretendidos.

Essa espera e postura de observação — em particular no momento em que estive presente na aula quando foi escolhido o tema sobre o envelhecimento —, junto à análise do questionário, auxiliaram a formar um planejamento para ações seguintes mais alinhado aos interesses, às necessidades e às expectativas do grupo e à ideia inicial do especial multimídia no que tange a acessibilidade.

Agora, começam as ações mais interventivas. A primeira foi um seminário formativo que aconteceu no dia 17 de abril, pouco tempo depois da 13ª Semana de Jornalismo (XIII Sejour), organizada pelo PETCom, que aconteceu entre os dias 03 e 05 de abril e teve como tema “Caminhos para um Jornalismo Inclusivo”. O evento foi facilitador, já que alguns participantes de LabJor I estavam presentes lá e o linkaram com o seminário. Também, pude usar alguns ganchos, mas tendo em mente que havia alunos que não foram à semana.

No seminário foram abordadas questões, como número de pessoas com deficiência no Brasil (IBGE, 2012), acessibilidade comunicacional (SASSAKI, 2009),

direito à comunicação com foco nas PcD (WERNECK, 2022), a importância de se trabalhar a acessibilidade desde a gênese da pauta (BONITO, 2016) e pensar nos desafios e nos recursos, tanto financeiros quanto humanos.

Depois, trouxe uma explanação sobre a acessibilidade no Wix (plataforma adotada pela disciplina), aproveitei também o momento para indicar que o enfoque seria nas deficiências sensoriais (especificamente visual e auditiva), uma vez que meus conhecimentos e formações acerca de acessibilidade compreendem mais esse grupo. Não tive o mesmo preparo e acesso suficiente a noções de acessibilidade para outros tipos de deficiência, a exemplo da deficiência intelectual, que tem demandas específicas e complexas de acessibilidade comunicativa.

Ainda em linhas gerais, foram apresentados três categorias relativas ao estado de acessibilidade de um produto comunicacional, sendo elas: produto inacessível, produto parcialmente acessível e produto acessível (nível almejado). E, somado a isso, foi indicada a possibilidade de versão acessível dos produtos<sup>8</sup>.

Indo à parte mais específica que é a dos formatos, foram expostos elementos de design acessível, recomendações e boas práticas para cada formato (tendo base nos que foram cogitados nas pré-pautas das equipes).

Em meio ao seminário foram surgindo perguntas sobre o que foi exposto, sendo prontamente esclarecidas ou anotadas para pesquisar e dar um retorno, o que mostra que há um processo dinâmico de ação e investigação. Também, foram feitas perguntas sobre o cenário da acessibilidade no mercado e relatos de experiências de alguns dos estudantes com a acessibilidade no âmbito profissional, trazendo um caráter participativo da turma.

Aconteceu também uma discussão necessária sobre a relação entre o envelhecimento e a questão da deficiência adquirida. O avanço da idade implica, muitas vezes, maiores chances de adoecer (com sequelas como possível consequência), fragilização de alguns tecidos, perda parcial ou total de sentido(s), maior necessidade de uso de medicamentos que podem ter efeitos colaterais significativos, entre outras questões que podem fazer o idoso tornar-se uma pessoa com deficiência adquirida. Assim, a acessibilidade tem fundamental relevância na produção da turma para e com o público idoso, visto a necessidade de

---

<sup>8</sup> Uma versão do produto à parte do formato escolhido, para atender PcD devido, especialmente, a limites de plataformas, softwares e sites utilizados; e/ou à limitação técnica do produtor.

acessibilidade comunicativa, de forma que um produto inacessível seria uma possível barreira para as próprias fontes e leitores idosos, público-alvo essencial.

Terminando a ação, solicitei às equipes que adicionasse um tópico na pauta para indicar como trabalhariam com a acessibilidade comunicativa tendo em vista tema e formato escolhidos e as orientações do seminário, contemplando a acessibilidade comunicativa desde a pauta como orienta Bonito (2016).

Ao fim, coloquei o slide (Anexo 2) do encontro no Google Drive e no grupo de WhatsApp da disciplina, para que os estudantes pudessem retomar o que foi trabalhado e acessar os links úteis que anexeï, com tutoriais, PcD explicando recursos assistivos e materiais mais densos como o “Minimanual de Acessibilidade Comunicacional”<sup>9</sup> da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e o “Manual sobre Desenvolvimento Inclusivo para a Mídia e Profissionais de Comunicação”<sup>10</sup> da Escola de Gente.

Na semana seguinte, dia 24 de abril, as comissões de Identidade Editorial e Acessibilidade foram formadas. Passei a integrar a Comissão de Acessibilidade e combinei com os demais membros a criação de um grupo próprio no WhatsApp para comunicação mais direcionada. Ademais, tiveram momentos pontuais com reuniões via Meet. Com isso, estávamos em mais um seminário, como indica Thiollent (2007):

O papel do seminário consiste em examinar, discutir e tomar decisões acerca do processo de investigação. O seminário desempenha também a função de coordenar as atividades dos grupos “satélites” (grupos de estudos especializados, grupos de observação, informantes, consultores e etc..) (...) O seminário centraliza todas as informações coletadas e discute as interpretações. Suas reuniões dão lugar a “atas” com informações reunidas, e dentro da perspectiva teórica adotada, o seminário elabora diretrizes da pesquisa (hipóteses) e diretrizes de ação submetidas à aprovação dos interessados, que serão testadas na prática dos atores considerados. (THIOLLENT, 2007, p. 63).

A partir disso, nossas ações foram afinadas com a troca de ideias, era mais acessível saber como estava o ânimo da turma, quais as dificuldades enfrentadas pelo grupo, pois os membros da comissão tinham mais contato com o restante dos colegas. E debatemos formas de conduzir as próximas ações, daí nasceu a ideia do Guia Rápido de Acessibilidade (Anexo 3) que começou a ser confeccionado.

---

<sup>9</sup> Disponível em:

<[https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/767/2020/09/CARTILHA-Acessibilidade-Comunicacional-VER\\_SAO-FINAL.pdf](https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/767/2020/09/CARTILHA-Acessibilidade-Comunicacional-VER_SAO-FINAL.pdf)>. Acesso: 10 nov. 2023.

<sup>10</sup> Disponível para baixar em:

<<https://www.escoladegente.org.br/outras-publicacoes/manual-sobre-desenvolvimento-inclusivo-midia-profissionais-comunicacao>>. Acesso: 10 nov. 2023.

Um adendo é que no dia seguinte, 25 de abril, a professora Dahiana Araújo foi anunciada pela professora Erilene como professora substituta que irá conduzir LabJor I junto a ela, substituindo o professor Rafael Rodrigues.

Outra ação importante foi a reunião geral de pautas, convocada por Dahiana, no dia 18 de maio, quando as professoras conversavam com as equipes sobre os detalhes das matérias quanto ao contato com fontes, apuração, pesquisa, coleta de dados, entrevistas<sup>11</sup>, etc. e depois eu conversei sobre acessibilidade.

Cada equipe comentou como estava se encaminhando a acessibilidade e fui orientando com base nos formatos escolhidos, o que continuar fazendo, se a ideia é boa, ou se ela é ruim, se aquilo poderia causar, até, a necessidade de um retrabalho; comentei sobre o Wix que tem ferramenta de acessibilidade que facilita as produções de algumas equipes. Também, falei sobre o guia que estava sendo preparado com tutoriais e materiais focais que iriam dar um passo a passo mais claro e direto durante a feitura das produções no que se refere à acessibilidade.

Por fim, comuniquei que iria ficar de plantão nas segundas-feiras subsequentes no laboratório de informática A (Lab A) do curso, das 14h às 16h (horário da disciplina), quando as equipes estavam livres para produzir e editar, estando próximo para tirar dúvidas, fazer checagens e receber avisos de mudanças.

Durante a reunião, algumas equipes indicaram que estavam tendo dificuldades na parte da produção, especialmente com fontes que não davam retorno. Devido a isso, todo o resto da produção ficava travada, o que dificultava na parte da acessibilidade que necessita de material a ser adaptado. Junto a isso, houve relatos de dificuldade com o tempo, já que outras disciplinas estavam demandando trabalhos. Essas questões reforçaram a necessidade do guia.

Dito isto, o guia estava quase finalizado, e na sua concepção se resolveu também a questão da sistematização dos formatos na pesquisa-ação. Por ser um especial multimídia disposto em um site, a dimensão do jornalismo digital era um norte, porém era preciso ter uma definição mais completa do que seria a ideia de formato empregada, até para não gerar confusão, tendo em conta que o termo tem diferentes definições a depender dos autores.

Dessa forma, a autora que traz a definição que adotei é Luciana Mielniczuk (2003), quando argumenta que o formato no meio digital deve contemplar, no mínimo, três âmbitos: suporte, site jornalístico e narrativa jornalística.

---

<sup>11</sup> As entrevistas eram semiestruturadas com apoio de um roteiro de questões (Anexo 4).

No caso do suporte “é o arranjo das informações em um suporte digital; a organização das informações em arquivos, diretórios ou pastas; os recursos utilizados para disseminar as informações: e-mail, web, FTP<sup>12</sup>, WAP<sup>13</sup>, etc., quando em rede” (MIELNICZUK, 2003, p. 71-72).

O site já é mais simples, se relaciona com volume informacional, organização de dados, o uso de recursos da internet no site e os padrões que são encontrados em sites jornalísticos que os tornam característicos (MIELNICZUK, 2003).

Por fim, narrativa jornalística: “a forma, ou seja, a aparência que assume a notícia apresentada; os recursos específicos do suporte que são empregados na narrativa jornalística, tais como texto escrito, sons (narração, música, depoimento, etc.) e imagens (fotografia, vídeo, infografia, etc); as diferentes configurações utilizadas para gêneros distintos, por exemplo, o formato da entrevista, o formato de uma nota, o formato de uma reportagem, entre outros” (MIELNICZUK, 2003, p. 72).

O especial Envelhe.ser estava contemplando esses três âmbitos, sendo a narrativa jornalística o ponto para categorizar os formatos desde o Guia Rápido de Acessibilidade até o fim da pesquisa-ação, sendo eles: Texto Web (não estava no guia, por falta de dúvida de alunos), Imagem Estática, Audiovisual, Sonoro (Podcast) e Materiais Interativos<sup>14</sup>. Tais formatos serão analisados em capítulos seguintes.

Dia 22 de maio foi o dia do meu primeiro plantão no Lab A, antes dele ajustei com a Comissão de Acessibilidade pequenos detalhes do guia para disponibilizá-lo à turma às 14h. Nos plantões, também atendia a demandas pelo WhatsApp, mas reforçava que as equipes poderiam me procurar em momentos fora dos plantões, a única diferença seria na sincronicidade. No plantão era garantido minha disponibilidade, em outros momentos não, mas sempre respondi ao que me era solicitado. Inclusive isso ocorreu na maioria das vezes, foi muito mais comum os contatos assíncronos ou síncronos fora dos plantões do que durante os mesmos.

No segundo plantão, dia 29, algumas equipes me procuraram para tirar dúvidas e outras disseram que ainda estavam com os problemas relatados na reunião geral.

---

<sup>12</sup> Sigla de *File Transfer Protocol*, o protocolo de transferência de arquivos utilizado na internet.

<sup>13</sup> Sigla de *Wireless Application Protocol*, protocolo utilizado para a internet móvel, por exemplo, para o acesso via telefone celular.

<sup>14</sup> Esse formato não está no guia, pois foi acordado com as equipes que trabalharam com ele que a acessibilidade desses materiais seria feita a partir da audiodescrição adaptada. Eles se basearam então no formato Imagem Estática, de modo que a interatividade se perdeu, mas o conteúdo pôde se tornar acessível. A causa disso é que a plataforma utilizada pelas equipes, o Genially, não tinha recursos assistivos no período da disciplina.

Visto a dificuldade de fechar a primeira produção no prazo, as professoras decidiram que não seria necessário mais fazer duas produções e anunciaram o aumento do deadline no dia 31 de maio. Com isso, houve uma folga maior para os trabalhos e uma chance de melhorar a qualidade e a envergadura das produções.

Os plantões seguiram nos dias 05 e 12 de junho, mas sem contatos, apenas fui contatado em outros horários via WhatsApp.

Uma semana depois do último plantão, a professora Erilene anunciou no grupo da disciplina no WhatsApp que as correções estavam em andamento e logo que terminasse essa etapa, daria-se seguimento à etapa de implementação da acessibilidade, que se dividiria em dois momentos: o primeiro em que eu orientaria as equipes com base em Google Docs onde elas indicaram as estratégias de acessibilidade tanto previstas (onde se teve uma abordagem mais diretiva) quanto já executadas (onde se teve uma abordagem mais corretora); o segundo em que as equipes, a partir das orientações, terminariam de desenvolver as produções. Nesse primeiro momento, seis das oito equipes enviaram documentos para a orientação<sup>15</sup>, sendo que em duas delas tinha mais material executado, nas outras planos.

Exemplos de alguns elementos da fase de implementações a seguir nas figuras 2 e 3, que traz um exemplo de documento com plano e um exemplo de documento com material executado, respectivamente:

Figura 2 - Trecho de plano da equipe e orientação diretiva.

**Equipe:** Mário Flor e Giselly Correa  
**Temática:** Etarismo e sexo  
**Formato:** Podcast (jornalismo sonoro - 2 episódios)

**RECURSOS DE ACESSIBILIDADE**

**Edição do áudio:** garantir que os efeitos e as trilhas sonoras não estejam sobrepostos à locução dos apresentadores, e que o volume da voz esteja nítido e ajustável para pessoas com baixa audição.

**Transcrição do episódio:** elaborar um documento com o episódio completamente transcrito, incluindo os detalhes sobre os entrevistados e a substituição de termos técnicos e palavras robustas por uma linguagem simples. No momento em que as músicas são reproduzidas nos episódios, iremos colocar a letra do trecho utilizado, além da transcrição das entrevistas.

**Acesso aos recursos:** no site em que os episódios serão disponibilizados, é preciso expor de forma visível e nítida que os recursos de acessibilidade existem, com a possibilidade de acessá-los com apenas um clique que redireciona para o documento.

**Formatação do documento:** vamos utilizar fontes não serifadas, com cores escuras/claras que contrastam entre si, para que pessoas com deficiências associadas (como a baixa visão e a surdez) possam acessar o conteúdo tranquilamente.

**Rodrigo Gomes**  
19:50 28 de jun.

As propostas atendem bem à inclusão geral e à acessibilidade para pessoas com deficiência sensorial em diferentes níveis no formato sonoro escolhido.

[Mostrar mais](#)

---

**Rodrigo Gomes**  
19:24 28 de jun.

Ótimas escolhas para a transcrição. Uma dica, pode ser até que já estejam fazendo assim, é fazer indicações em colchetes para categorizar os sons e falas. Exemplo:

[Trecho de música]: "o trecho da letra escolhido".  
[Mário]: "Olá!".

Isso ajuda a distinguir o que são as falas (e quem fala), o que são trechos de música, vinhetas, etc.

Fonte: Elaborado pelo autor.

<sup>15</sup> Em toda a pesquisa-ação o caráter adotado foi de encorajamento à participação e abordagem compreensiva, não havia penalidade em casos de não entrega, apenas perda da(s) experiência(s).

Figura 3 - Trecho de doc com material e sugestão de correção no design.

**INFOGRÁFICO 1:**

**Link:**

<https://view.genial.ly/6498f8994295de00184e73b9/interactive-content-genial-info>

**Código HTML para embedar:** <div style="width: 100%;"><div style="position: relative; padding-bottom: 187.5%; padding-top: 0; height: 0;"><iframe title="Indicadores sociais x Longevidade" frameborder="0" width="800" height="1500" style="position: absolute; top: 0; left: 0; width: 100%; height: 100%;" src="https://view.genial.ly/6498f8994295de00184e73b9" type="text/html" allowscriptaccess="always" allowfullscreen="true" scrolling="yes" allownetworking="all"></iframe> </div> </div>



Fonte: Elaborado pelo autor.

As implementações findariam com a entrega no dia 29 de julho. No entanto, as professoras se reuniram e decidiram estender o prazo para o dia 6 de julho. O prazo final foi cumprido e foi indicado no mesmo dia 06 que a publicação do especial seria feita pelas professoras no site da Agência Avenida ainda naquele mês. Porém, não aconteceu.

Fechando o ciclo das etapas da pesquisa-ação com a etapa avaliativa, que consiste em entrevistas individuais com quatro estudantes e uma em conjunto com as duas professoras somadas a minha análise da experiência e autoavaliação.

Os estudantes foram selecionados visando ter uma amostra de 50% das equipes, também havia o critério de serem participantes da Comissão de Acessibilidade ou não, de modo que foram separados dois entrevistados que integraram a comissão e dois que não integraram. Outrossim, pedi que eles conversassem com suas equipes para agirem como porta-vozes, visto que a disciplina já estava encerrada e os estudantes estavam dispersos, impossibilitando uma entrevista geral. Mas, eu insisti nessa direção para ter não só o ponto de vista individual dos entrevistados, mas também um *feedback* das suas equipes.

Conseguí entrevistar os estudantes Mário Flor<sup>16</sup> (membro da Comissão de Acessibilidade), Ana Vitória Marques (não foi membro da comissão) e Nara Santos (também membro da comissão) ainda no semestre de 2023.1. Entretanto, a entrevista com o estudante Johnnie Brian (não foi membro da comissão) foi realizada só no segundo semestre (2023.2), bem como a com as professoras Erilene Firmino e Dahiana Araújo.

<sup>16</sup> Por não haver situação de exposição negativa dos estudantes, optou-se por identificá-los por seus nomes reais, inclusive pelos produtos analisados e dispostos no site simulação serem creditados.

Indo às entrevistas, um ponto-chave foi reforçado por uma fala da Ana Vitória, que é a disposição de mais integrações entre acessibilidade e disciplinas do curso.

Eu acho que a reflexão que fica é que isso não se torne algo pontual ou só ter acontecido por estar envolvido com o teu projeto (...) Eu acho interessante que essa preocupação perpassasse por todas as disciplinas que a gente faz, por toda a construção jornalística que a gente venha ter, venha a produzir enquanto comunicadores. Eu acho que, para mim, o maior aprendizado é entender que a questão da acessibilidade não é um termo acessório, ou não é um complemento, ela de fato faz parte de todo o processo e a garantia de um direito de todas as pessoas. (MARQUES, 2023, informação verbal<sup>17</sup>).

Mário Flor contou sobre seu contato anterior com a acessibilidade devido a familiares PcD e da natureza propositiva da pesquisa-ação em pôr a questão em pauta, fazendo com que colegas que não tinham contato com ela passassem a ter.

Na minha família eu tenho pessoas com deficiência, o que fez também me interessar sobre o tema bem antes, então foi uma boa surpresa saber que até mesmo as pessoas que não estudavam, que não pensavam em falar sobre isso, iam ter noção de como tornar uma notícia mais acessível. (FLOR, 2023, informação verbal<sup>18</sup>).

Corroborando com essa dimensão propositiva, Nara Santos discorre sobre a conscientização em torno do processo e uma quebra no padrão tradicional.

Eu já tinha falado da importância e da relevância que é trazer esse tema para o jornalismo em si, para a comunicação, porque, na verdade, a gente ainda vive muito preso ao tradicional, né? Não coloca legenda, essas coisas. E tudo isso a gente tem que adaptar. A gente sabe que uma parcela da população brasileira não consegue ter acesso ao que a gente quer passar, uma coisa básica, uma coisa mínima que é a comunicação, estabelecer essa comunicação. Eu acho que esse processo de conscientização parte daí, quando a gente percebe que outras pessoas precisam também, todas as pessoas precisam receber a comunicação de forma que elas consigam entender. (SANTOS, 2023, informação verbal<sup>19</sup>).

Ambas as falas dialogam com uma das possibilidades que o trabalho tem de ir além da resolução de um problema, que é favorecida pela metodologia:

Nesse caso, não se trata apenas de resolver um problema imediato e sim desenvolver a consciência da coletividade nos planos político e cultural a respeito dos problemas importantes que enfrenta (...) O objetivo é tornar mais evidente aos olhos dos interessados a natureza e a complexidade dos problemas considerados. (THIOLLENT, 2007, p.20-21).

---

<sup>17</sup> Informação concedida pela estudante Ana Vitória Marques em 02/08/2023, via Jitsi Meet.

<sup>18</sup> Informação concedida pelo estudante Mário Flor em 05/07/2023, via Jitsi Meet.

<sup>19</sup> Informação concedida pela estudante Nara Santos em 03/07/2023, via Jitsi Meet.

No segundo semestre conversei com Johnnie Brian e ele trouxe um ponto crucial que foi a busca de evitar a contradição de desenvolver uma material sobre etarismo e acabar praticando uma forma de etarismo por capacitismo ao não oferecer a acessibilidade comunicativa necessária ao público idoso.

O público-alvo era realmente a sociedade como um todo. Mas a gente precisava que essas pessoas não tivessem nenhuma dificuldade em conhecer nossos produtos. Se a gente tá falando sobre etarismo, se a gente tá denunciando o etarismo, a gente também não pode fazer com que o nosso produto seja etarista de certa forma, ele seja dificultoso de ser consumido. (SILVA, 2023, informação verbal<sup>20</sup>)

Além desses destaques, os estudantes avaliaram as ações e perguntei o que poderia melhorar em cada uma delas, daí surgiram algumas sugestões, críticas construtivas e elogios. Também, perguntei sobre dificuldades em relação à acessibilidade, alguns disseram que conseguiram realizar sem grandes dificuldades e outros nem tanto, a exemplo da Ana Vitória que estava concluindo a graduação com a etapa de TCC e estava em processo de efetivação onde estagiava. Isso ajudou a dimensionar que as diferentes situações de cada participante durante o processo, mesmo que não fosse na cadeira em si, implicava numa dificuldade maior ou menor de conciliar os diferentes processos da disciplina, incluindo a acessibilidade das produções.

Outra questão importante foi sobre o trabalho em equipe para entender como ficou a distribuição de funções, se houve sobrecarga e se todos participaram no processo de acessibilidade comunicativa das produções. Os retornos foram positivos, os membros das equipes tiveram boa participação, inclusive isso se verifica pela alta adesão dos matriculados na turma — onde só houve um trancamento —, o que favoreceu a continuidade dos trabalhos em grupo. As equipes não tinham tamanhos iguais, haviam quartetos, trios e duplas, mas todos conseguiram se organizar segundo as informações que obtive.

Assim como a entrevista do Johnnie, a entrevista das professoras ocorreu no segundo semestre, as perguntas eram bem parecidas com as feitas para os estudantes, sobre expectativas iniciais em relação à pesquisa-ação, avaliação das ações e o que poderia melhorar, e dificuldades durante a disciplina. A professora Eriline pôde responder a todas as perguntas e a professora Dahiana respondeu àquelas que se relacionaram a ações posteriores a sua entrada como substituta.

---

<sup>20</sup> Informação concedida pelo estudante Johnnie Brian da Silva em 18/09/2023, via Google Meet.

Vale pontuar que, diferentemente das entrevistas com os estudantes, realizadas virtualmente, a entrevista conjunta com as professoras ocorreu de forma presencial, na sala JOR-02, entre às 17h e 18h (entretornos de aulas), no dia 05 de outubro.

De início, a professora Erilene falou sobre como acolheu com naturalidade a proposta.

Eu recebi com naturalidade (a proposta da pesquisa-ação), porque nós, no semestre anterior, nós tínhamos trabalhado juntos e você se destacou nesse processo de acessibilidade. Então quando você veio e me propôs, eu achei natural e achei interessante. Eu quero uma maneira de trabalhar mais fortemente essa questão, porque eu como professora dentro desse universo de todas as demandas que o laboratório pede, o nosso trabalho, ele acaba sendo só de *start* (...) e como esse tema da acessibilidade é um tema que eu não domino, eu achei interessante pela proposta de trazer isso, um trabalho mais perto com Lab. Achei interessante ser um aluno nosso que estava fazendo isso. (FIRMINO, 2023, informação verbal<sup>21</sup>).

Erilene também pontuou uma dificuldade minha que observou durante o seminário em relação à didática — que concordo:

Então mesmo a gente tem uma hora que temos dificuldade de ter a turma conosco, quando vem uma pessoa que é de fora ou então que não é o professor ou então inclusive que é um aluno do curso, que por mais que você seja nesse momento como pesquisador, ainda assim para eles fica mais difícil conseguir atenção. Não estou dizendo que você não conseguiu atenção. É porque você perguntou o que é que eu podia melhorar, teve um momento no seminário naquela sala que ouvi cochichos. Mas, eu volto a dizer que eu acho que essa dispersão foi por essas questões que eu estou apresentando, isso daí neste momento não tem como você melhorar não, porque, na verdade, você é um aluno pesquisando, você ainda não é professor para ter esse conhecimento da sala. (*Ibid.*).

A professora também indicou uma melhoria, ao comparar com a experiência do semestre anterior, destacando a qualidade e a eficiência do Guia Rápido de Acessibilidade. “Nesse semestre o resultado da acessibilidade para mim comparando com o semestre anterior foi muito mais avançado (...) Eu gostei muito dele (guia) da forma como ele apresentava, da forma como ele trazia, ele entregava, assim, de bandeja”. (*Ibid.*).

A professora Dahiana também avaliou o processo e relatou uma experiência que teve como repórter há um tempo com acessibilidade na redação, em particular pelo fato de no período relatado as tecnologias assistivas serem menos difundidas e avançadas.

---

<sup>21</sup> Informação concedida pela docente Erilene Firmino em 05/10/2023.

Eu lembrei de um material que eu fiz há um tempo quando era repórter e que, naquela época, fiz um material acessível e que foi muito difícil, porque tanto a gente não tinha as tecnologias que temos hoje como a gente não tinha consciência da importância de ter um material acessível. Então naquela época, a gente fez na redação, mas a gente foi atrás de várias pessoas de fora para tentar. Eu avalio que hoje as pessoas em geral e os alunos têm uma consciência que é maior e eu acho que a gente tem uma tecnologia também que favorece. E aí eu acho que entra, inclusive, nesses processos de democratizar algumas linguagens. Então, avalio como muito positivo (a pesquisa-ação). (ARAÚJO, 2023, informação verbal<sup>22</sup>)

As professoras falaram também sobre a experiência como um todo, não encontraram dificuldades na integração da produção laboratorial com a acessibilidade comunicativa, o caráter político da ação, indicaram que os plantões poderiam ter uma estratégia diferente da adotada — concordei, visto a tendência das procuras fora desses momentos.

Ao fim da entrevista perguntei sobre a disseminação do produto. As professoras falaram sobre outras demandas que tinham e a professora Dahiana indicou que estava com dificuldades no acesso ao Wix da Agência Avenida, mas que a publicação do especial seria no meio de novembro, o que não ocorreu.

Finalizando a etapa avaliativa, sei que já deixei impressões no decorrer deste capítulo, mas pretendo elaborar mais um pouco com uma autoavaliação simples.

Algo que sintetiza o valor/esforço desta pesquisa para mim é: “os fenômenos sociais só se revelam aos pesquisadores quando eles estão dispostos a se engajarem pessoalmente, observando, diagnosticando e intervindo nos processos de pesquisa” (LEWIN, 1965 apud MELO; MAIA FILHO; CHAVES, 2016, p. 153).

De pronto digo que não foi fácil, e estava ciente disso antes mesmo de entrar em campo dadas as “advertências” de Thiollent (2007). O autor indica que o contato interpessoal e a própria natureza dinâmica da pesquisa-ação são elementos desafiadores. Tive algumas dificuldades, mas busquei sempre resolver com diálogo e com a ajuda do meu orientador.

Também, na condição de estudante do 7º semestre, conciliar as demandas de outras disciplinas em momentos-chave da cadeira foi algo desafiador (pois coincidia o aumento de demandas no meio e fim do semestre, inclusive em outra disciplina laboratorial com carga horária alta) e havia choques de horário por vezes.

Todavia essas adversidades são parte de um mergulho feito em um processo contínuo de investigação-ação que, como dito anteriormente, demanda engajamento

---

<sup>22</sup> Informação concedida pela docente Dahiana Araújo em 05/10/2023.

em diferentes frentes. Mas isso é necessário e a dimensão pessoal teve peso, por ser PcD, por ser uma metodologia onde o objeto é a situação social e o problema a se resolver, que são caros para mim. Isso trazia um misto de fascínio com alguns momentos de estresse, por achar que não estava conduzindo como deveria, especialmente em momentos de baixo engajamento. Com o tempo fui entendendo melhor essas questões, inclusive as entrevistas com estudantes e professoras me tranquilizaram e desfizeram algumas preocupações infundadas que tinha.

Sempre tinha em mente também diminuir — por meio do esclarecimento de dúvidas e estar à disposição o máximo possível — o estranhamento devido ao novo contato de alguns alunos com a dimensão da acessibilidade, o que é indicado por Denise Silva: “Ao ficarmos sem saber como tratar as pessoas com deficiência, deparamo-nos com um certo estranhamento, um desconforto gerado por situações que não fazem parte do nosso cotidiano”. (SILVA, 2021, p. 185). O próprio diagnóstico apontou para essa abordagem, que foi basilar do início ao fim da experiência da pesquisa-ação.

Em relação à intervenção, busquei não intervir muito e deixar as equipes conduzirem seus trabalhos, era visto como consultor e reiterei diversas vezes que estava à disposição do grupo. Estava, também, sempre atento à turma por meio de conversa direta com os estudantes, como também a partir dos relatos da Comissão de Acessibilidade sobre a situação da cadeira (se estavam com muitos trabalhos, se o grupo geral estava animado ou não, se as ações estavam no caminho certo, etc.) e acompanhamento das conversas do grupo da disciplina no WhatsApp.

Nessa imersão busquei atender ao que Lewin orienta: “será preciso estabelecer processos de averiguação de fatos, olhos e ouvidos sociais, bem no interior dos corpos de ação social” (LEWIN, 1978, p. 220).

Em linhas gerais, a pesquisa-ação foi proveitosa. A sistemática das etapas ajudou a favorecer as dinâmicas de investigação-ação, de modo que o processo ficou organizado e fluido, além de conseguir dialogar bem com os momentos da disciplina. Além disso, a turma aderiu à ideia e trabalhou nela até o fim, o que tornou o esforço conjunto ainda mais gratificante, especialmente quando tive contato com algumas produções finalizadas que estavam com nível de acessibilidade excelente, e ainda mais pela conscientização da turma, pois a disciplina é importante e produção também. Mas, saber que houve uma reflexão que pode ter impactos para além de LabJor I, seja na área profissional, seja no cotidiano, é algo valioso.

## 2.1 Site simulação

Tendo em conta que durante a entrevista com as professoras foi indicado que a postagem do material só seria realizada em meados de novembro, resolvi propor uma alternativa às docentes, já que não seria possível trabalhar com esse material em tempo hábil para a monografia caso esperasse por esse período.

A proposta foi que eu criaria um site simulação, já que o acesso ao site do Wix da Agência Avenida estava difícil e para não chocar com a produção do especial no site oficial. Erilene e Dahiana também indicaram que estavam bem ocupadas devido ao número de cadeiras que estavam conduzindo, somadas a outras funções, como trabalhos na redação citado pela professora Dahiana, o que justificava o prazo da publicação para novembro.

Em seguida, as professoras pediram que eu contatasse os estudantes para pedir autorizações para utilizar os trabalhos deles tanto na monografia como no site simulação, bem como o acesso desses documentos, sendo que não tinha visto o resultado final da maioria deles.

Comecei a contatação dos estudantes e obtive resposta de seis das oito equipes, foram elas as equipes da Ana Vitória (formato predominante do material: Texto Web), da Nara Santos (formato predominante do material: Imagem Estática), do João Vitor Umbelino (formato predominante do material: Audiovisual), do Gustavo Ferreira (formato predominante do material: Audiovisual), do Mário Flor (formato predominante do material: Sonoro - Podcast) e do Johnnie Brian (formato predominante do material: Materiais Interativos).

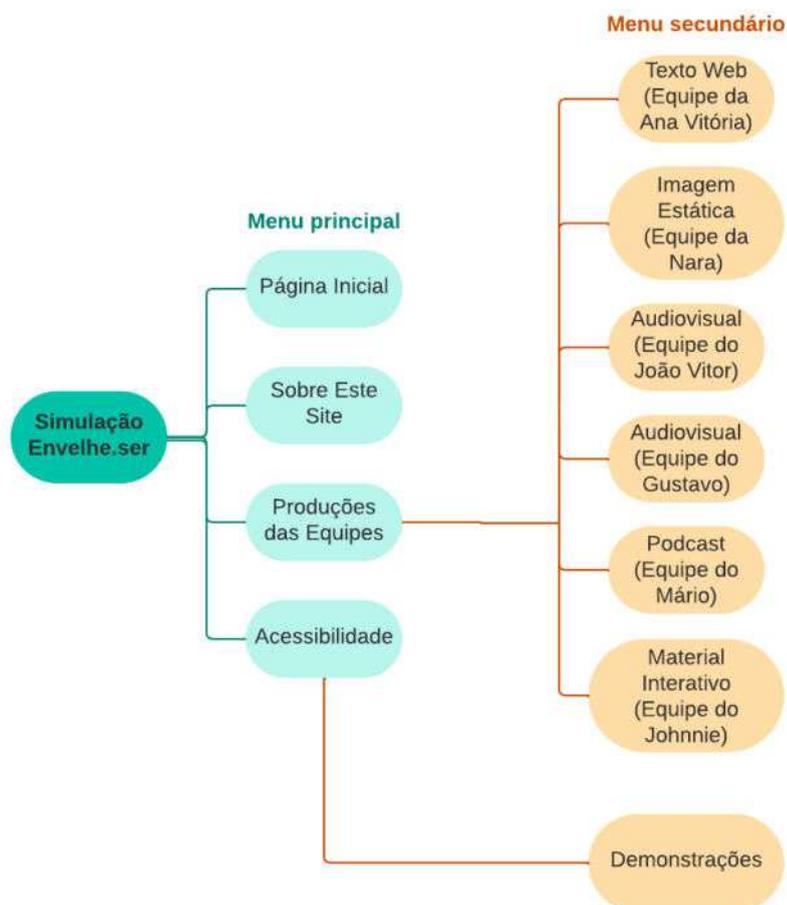
A partir dos materiais, fui pensando em estratégias de organização da análise deles em capítulos partindo de uma abordagem geral sobre o formato analisado, afinando para as estratégias que apresentei às equipes e terminando nas implementações feitas pelas equipes a partir das ações.

Concomitante a isso, fui construindo as páginas do site simulação no Wix, respeitando as WCAG (2014), a redação original das equipes, com poucas edições, e utilizando o recurso de revisão de acessibilidade da plataforma para corrigir falhas.

A partir daí, fui estruturando o site de modo que ele ficasse facilmente navegável pelo menu que é escaneável e acessível para pessoas com deficiência visual pelos leitores de telas.

É interessante apresentar o mapa do site por meio de um organograma para ajudar na navegação do mesmo.

Figura 4 - Organograma do site.



Fonte: site <https://testetcc20231envel.wixsite.com/simulacaoenvelheser>.

Para organizar esse material, o site foi montado da seguinte maneira: ao acessar o endereço <https://testetcc20231envel.wixsite.com/simulacaoenvelheser>, o leitor encontra uma página inicial com menu principal, centralizado, que dá acesso às seguintes páginas: “Página Inicial”, “Sobre Este Site”, “Produções das equipes” — que leva à área onde estão disponíveis as produções feitas pelas equipes, com menu secundário: "Texto Web (Equipe da Ana Vitória)", "Imagem Estática (Equipe da Nara)", "Audiovisual (Equipe do João Vitor)", "Audiovisual (Equipe do Gustavo)", "Podcast (Equipe do Mário)" e "Material Interativo (Equipe do Johnnie)".

Em seguida há a última página do menu principal: “Acessibilidade” — que leva à área onde está disponível o vídeo com demonstrações dos recursos

assistivos usados pelas equipes a partir do uso de leitor de tela (NVDA) e extensão que traduz texto escrito para Libras (VLibras).

Ainda na página inicial, abaixo do menu principal, há uma selfie com a turma de LabJor I, uma pequena descrição do projeto, no estilo da Agência Avenida.

Dentre esses elementos, é importante o item do menu principal Acessibilidade que vai dar instruções sobre ferramentas que podem ser utilizadas para testar a acessibilidade do site e/ou ter uma experiência similar a de uma pessoa com deficiência sensorial que faz uso desses recursos. É um convite, também, para conhecer essas formas de acessibilidade comunicacional do ponto de vista deles.

Figura 5 - Vídeo de demonstrações gerais de recursos assistivos do site.



Fonte: Elaborado pelo autor. Disponível em <<https://youtu.be/9RsCjF8JiWU>>.

Caso não seja possível usar os programas, deixei disponível também essa opção de assistir a este vídeo elaborado por mim com demonstrações breves dos recursos assistivos empregados nas produções, naveguei por todas elas fazendo alguns apontamentos.

Agora, vamos aprofundar nos formatos.

### 3 TEXTO WEB

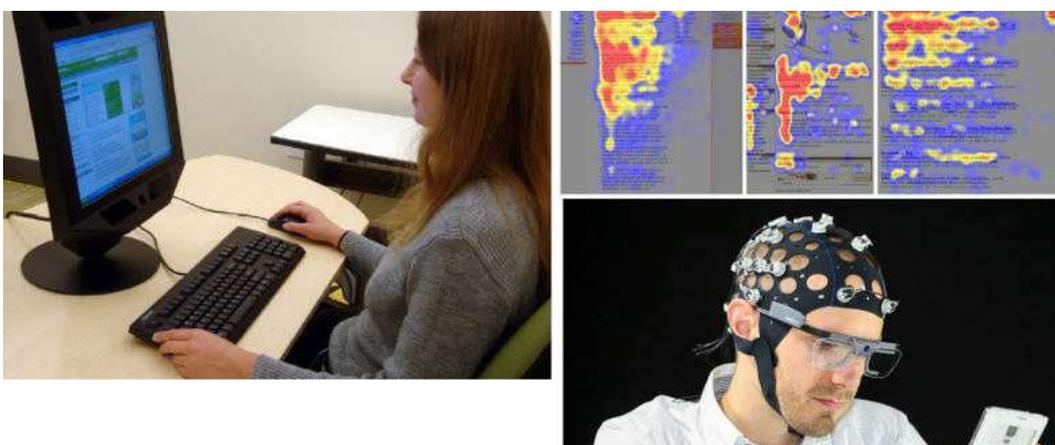
Antes de tudo é preciso abordar alguns grupos de PcD a se ter em mente na acessibilidade comunicativa de texto web. No campo da deficiência visual, pessoas cegas, com baixa visão, daltônicos e no campo neurológico que tange o campo visual, a dislexia, foram os enfoques das ações.

Vale destacar um por um, pessoas cegas precisam de um texto escaneável para os leitores de tela transformarem-nos em áudio, pessoas com baixa visão dependendo do grau precisam do leitor de tela ou de ajustes na tipografia e adoção de boas práticas melhor destacadas a seguir, assim como pessoas com daltonismo precisam de uma boa relação de contraste entre texto e fundo. Por fim, as pessoas com dislexia precisam também de boas práticas, sendo que vale destacar os estudos de Rello e Baeza-Yates (2016) acerca do “efeito dos tipos de fonte na legibilidade em tela por pessoas com dislexia”.

Os pesquisadores utilizaram a tecnologia de *eyetracking*, que consegue captar o movimento dos olhos com alta precisão usando equipamentos sofisticados e serve para obter dados a partir dos experimentos, como tempo de leitura e duração da fixação, importantes parâmetros para analisar a legibilidade em tela.

O estudo concluiu que: “para as fontes testadas, *sans serif*, os estilos de fonte mono espaçada e *roman* melhoraram significativamente o desempenho de leitura em relação à serifada, proporcional e fontes em itálico” (RELLO; BAEZA-YATES, 2016, p. 28, tradução nossa). A seguir exemplos de *eyetracking* (figura 6).

Figura 6 - *Eyetracking* de leitura textual em telas.



Fonte: Colagem elaborada pelo autor.

Trazer essa pesquisa é importante para dimensionar que há um esforço de pesquisa para investigar quais as escolhas de design geram melhor legibilidade para PcD, nesse caso pessoas com dislexia. Esses achados de pesquisa guiam manuais de boas práticas que servem de base para um design acessível.

Para as pessoas com deficiência auditiva, o site ser escaneável ajuda extensões como VLibras, a passarem o texto para Libras por meio de um avatar 3D.

No âmbito do texto web já há, muitas vezes, um suporte das próprias plataformas devido às Diretrizes de Acessibilidade para Conteúdo Web (WCAG) 2.0 (2014), sendo que o Wix é uma plataforma com suporte, com texto escaneável e estilos de cabeçalhos (*headers*) e parágrafos (H1 a H6 e p) de fácil configuração.

Além disso, há dicas específicas para texto na publicação “Tipos de fonte e acessibilidade digital” (2020) do Centro Tecnológico de Acessibilidade (CTA) do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). Essas dicas complementam as diretrizes internacionais e têm um foco nas fontes (tipografia). A escolha de fontes é crucial para a acessibilidade, pois influi intensamente na legibilidade do material.

Começando pela questão das serifas. Serifas são prolongamentos nas letras, que podem dar a impressão de que um caractere está se unido ao outro, especialmente na leitura em telas e em corpos (tamanhos) menores que 20 pt. Em contrapartida, há as fontes sem serifa (*sans serif*), que funcionam melhor em telas e são mais acessíveis para pessoas com deficiência visual e dislexia<sup>23</sup>.

Para ilustrar, a figura 7 contrasta esses dois tipos de fonte:

Figura 7 - Exemplos de fontes sem e com serifa.

## Sem serifa

(exemplos: Arial, Verdana, Tahoma, Helvetica)

## Com serifa

(exemplos: Times New Roman, Cambria, Georgia, Book Antiqua)

Fonte: Centro Tecnológico de Acessibilidade do IFRS.

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://cta.ifrs.edu.br/fontes-para-pessoas-com-dislexia/>>. Acesso em: 23 out. 2023

Além das fontes em si, as dicas englobam elementos na edição de texto, boas práticas de formatação e vários pontos a evitar, o que, inclusive é bastante válido de se colocar aqui, pois dialogam bastante com as ações empreendidas na pesquisa-ação:

- Utilizar texto real em vez de imagens de texto. As imagens de texto são imagens, ou seja, não são escaneáveis, por isso não são lidas pelos leitores de tela e dificultam a ampliação por quem tem baixa visão.
- Garantir um bom contraste entre a fonte e o plano de fundo.
- Limitar o uso de texto todo em negrito.
- Evitar texto todo em itálico.
- Evitar texto todo em maiúsculo.
- Evitar texto que se move ou pisca (pode induzir ataque epilético).
- Não utilizar fonte de letra cursiva ou decorada. (CTA.IFRS.EDU.BR)

Novamente, para ilustrar, a figura 8 apresenta visualmente esses pontos com exemplos:

Figura 8 - Dicas de cuidados em textos acessíveis

EVITAR UTILIZAR TEXTO TODO EM MAIÚSCULO.

*Evitar utilizar texto todo em itálico.*

**Limitar o uso de texto todo em negrito.**

*Não utilizar fonte cursiva.*

**Não utilizar fonte decorada.**

**Cuidar com o contraste!**

Fonte: Centro Tecnológico de Acessibilidade do IFRS.

Por fim, vale dizer que esse material condensa bastante os pontos colocados nas ações, com raros pormenores, o que mostra que as capacitações da BIA, as pesquisas no PET e NACCOM, as reflexões e produtos em algumas cadeiras no decorrer da minha formação, anterior à experiência de campo, foram fundamentais para a condução da pesquisa-ação com a turma de Laboratório de Jornalismo I.

### 3.1 Estratégias sugeridas às equipes para o formato textual

A recomendação para as equipes foi então escrever o texto e delimitar o título, abre, seções e parágrafos para que fossem categorizados e hierarquizados pelos estilos de cabeçalhos e parágrafos no momento da transferência do conteúdo para o site, o que facilita a leitura pelo leitor de tela e VLibras (figura 9).

Figura 9 - Tradução em Libras do título a partir do VLibras.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Havia também a Comissão de Identidade Editorial que ficou responsável pela identidade visual e padronizações editoriais. No campo visual, a comissão compôs o design aliado aos apontamentos que fiz nas ações do que evitar e do que aderir, principalmente na questão das fontes, com algumas adaptações respaldadas por orientações nos ajustes no tamanho do corpo, cores e contornos.

Um ponto que frisei foi o do contraste em nível acessível. Ainda no seminário formativo, foi apresentado o Adobe Color Contrast Analyzer<sup>24</sup>, onde se pode ajustar o contraste entre o texto e o fundo com a indicação se o grau do contraste está aprovado ou não de acordo com a WCAG 2.0 (2014).

Outra questão foi elucidar que o negrito só é problemático se for usado em excesso, no texto inteiro, ou em boa parte do parágrafo. Mas, se usado de forma estratégica (como destacando elementos-chave), ele pode tornar a leitura mais fluida para pessoas com dislexia (DOMLEXIA, 2020)<sup>25</sup>.

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://color.adobe.com/create/color-contrast-analyzer>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://www.domlexia.org.br/post/2018/09/02/como-deixar-um-material-escrito-mais-amig%C3%A1vel-para-quem-tem-dislexia>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Todavia, as equipes que trabalharam com matérias predominantemente textuais não lidaram intensamente com esses elementos durante as produções. Irei aqui destacar apenas uma matéria multimídia com predominância de texto para análise, que será a matéria desenvolvida pela equipe da Ana Vitória.

### 3.2 Exemplos de implementações feitas pelas estudantes

Com base na figura 9 é possível observar três tipos de estilos, o do cabeçalho 1 que se liga ao título, o do parágrafo 1 modificado (por estar na cor cinza) que se liga ao subtítulo da matéria e o do parágrafo 2 que se liga à assinatura das autoras.

Cada estilo tem suas características cromática, de tamanho de corpo, de tipo de fontes e de hierarquia próprios<sup>26</sup>. No caso das fontes, a Comissão de Identidade Editorial selecionou para títulos a Woodland e para os demais elementos a Glacial Indifference. Os estilos eram configurados então com diferenças, mas similaridades para dar uma unidade visual. Por exemplo, subtítulos e assinatura têm a mesma fonte, mas tamanhos de corpo e cores diferentes.

Indo ao campo da hierarquização, cabe o exemplo dos cabeçalhos 2 e 3, de modo que o 3 é um seção dentro do 2 (assim como o 2 é uma seção dentro do 1). Isso é feito pela configuração de acessibilidade ao organizar os cabeçalhos por H1, H2, H3, H4, H5, H6. Deve-se tomar cuidado para não confundir o leitor de tela.

Figura 10 - Exemplo de hierarquização com estilos no Wix.

#### O que devemos fazer para ter um envelhecimento saudável?

##### CABEÇALHO 2 (H2)

A saúde na terceira idade é um debate que deve ser levantado por toda a sociedade. Nesse sentido, Átilla Ponte explica os diferentes processos de envelhecimento e a impressão errônea que as pessoas possuem sobre ser um idoso saudável.

- **Ter uma dieta rica em proteínas, vitaminas e minerais** CABEÇALHO 3 (H3)

Dr. Átilla: "Para você ter uma alimentação saudável, não é obrigatório que você esteja comendo chia, salmão e castanhas do Pará. Que são alimentos que às vezes são inacessíveis para a grande maioria da nossa população. O recomendado é um bom consumo proteico seja com ovos, frango, carne vermelha na medida do possível, não em excesso. Além do consumo de frutas, como mamão, abacaxi, frutas em geral que tem uma boa carga de vitaminas e de fibras interessante."

Fonte: Colagem elaborada pelo autor.

<sup>26</sup> Dentre os estilos, os de parágrafos devem seguir as orientações de boas práticas à risca por estarem em tamanhos menores e em texto corrido, já os de títulos têm mais liberdade plástica.

A equipe informou as seções no trabalho final e eu fui editando na plataforma. Além disso, foram colocados dois hiperlinks na produção. Uma boa prática é destacar os hiperlinks, para que o leitor possa distingui-los com facilidade em meio ao resto do texto. A forma encontrada para fazer isso foi pela mudança de cor, do preto para o azul e pelo uso do sublinhado.

Finalizando, como forma de contornar o limite de caracteres do Wix em texto alternativos, as audiodescrições de algumas imagens, gráficos e infográficos foram colocados em texto explícito na matéria, só que em tamanho de corpo pequeno e condensado (o estilo parágrafo 2 foi pensado majoritariamente para esse uso), visto que serão destinados aos leitores de tela.

E no caso de pessoas com deficiência auditiva, houve a transcrição dos áudios nesse mesmo estilo, o que possibilita o uso de extensões de tradução para Libras, sendo que tanto nos leitores de tela quanto nas extensões de Libras importa a informação escaneável e não a visual.

Figura 11 - Exemplo de uso do parágrafo 2 para auxiliar uma transcrição de áudio.

Além disso, ela conta orgulhosa sobre a melhora no seu desempenho em atividades cotidianas, como o saldo positivo dos anos cuidando do corpo e da mente.

**Arquivo bruto**

**[Sonora Ângela Maria]** *Transcrição: "Eu percebo que assim, minhas pernas eram duras, meus quartos (quadris) eram duros. Quando eu ia me abaixar, para me levantar era um sacrifício e hoje, não. Eu me abaixo, eu me levanto, eu pulo, eu danço."*

Além disso, ela conta orgulhosa sobre a melhora no seu desempenho em atividades cotidianas, como o saldo positivo dos anos cuidando do corpo e da mente.

**Transposição para site**



Transcrição do áudio: "Eu percebo que assim, minhas pernas eram duras, meus quartos (quadris) eram duros. Quando eu ia me abaixar, para me levantar era um sacrifício e hoje, não. Eu me abaixo, eu me levanto, eu pulo, eu danço."

Fonte: Colagem elaborada pelo autor.

A matéria desenvolvida pela equipe formada por Ana Vitória Marques, Isadora Alcântara e Rayssa da Costa atendeu bem aos elementos postos desde o seminário formativo para a acessibilidade comunicativa do texto web, o que gerou um produto final acessível para pessoas com deficiência sensorial de diferentes tipos e níveis no que se refere a esse formato.

## 4 IMAGEM ESTÁTICA

Primeiramente, é preciso entender o que é uma imagem estática. Como a palavra indica, são imagens sem movimento, pode ser fotografia, tirinha, charge, gráfico, ilustração, entre outros (UFMG, 2021).

Assim como no caso do texto web, ao lidar com imagens estáticas é preciso ter em mente as necessidades de acessibilidade demandadas por pessoas com deficiência sensorial.

Quando se pensa em audiodescrição<sup>27</sup>, descrição de imagens e texto alternativo (*alt text*) o público associado automaticamente são as pessoas com deficiência visual, especialmente cegos. Mas, antes mesmo de comentar mais sobre deficiência visual e imagens estáticas, vale pontuar que pessoas com deficiência auditiva também podem necessitar de audiodescrição explícita no material (dessa forma, não pode ficar oculta como o *alt text*, que é acessado pela tecnologia dos leitores de tela) no caso de imagens e textos mais complexos — lembrando que no caso de imagens, os textos não são escaneados, o que impossibilita a tradução para Libras por meio do VLibras.

No campo das pessoas com deficiência visual, existem aqueles que já nasceram cegos, por exemplo, e outros que passaram a ser. Desse modo, a descrição das imagens deve contemplar esses dois públicos.

O Tutorial de Audiodescrição desenvolvido pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão - NAI da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2021 dá algumas orientações gerais para a audiodescrição de imagens estáticas e dinâmicas, sendo que, por hora, será abordado as de imagens estáticas:

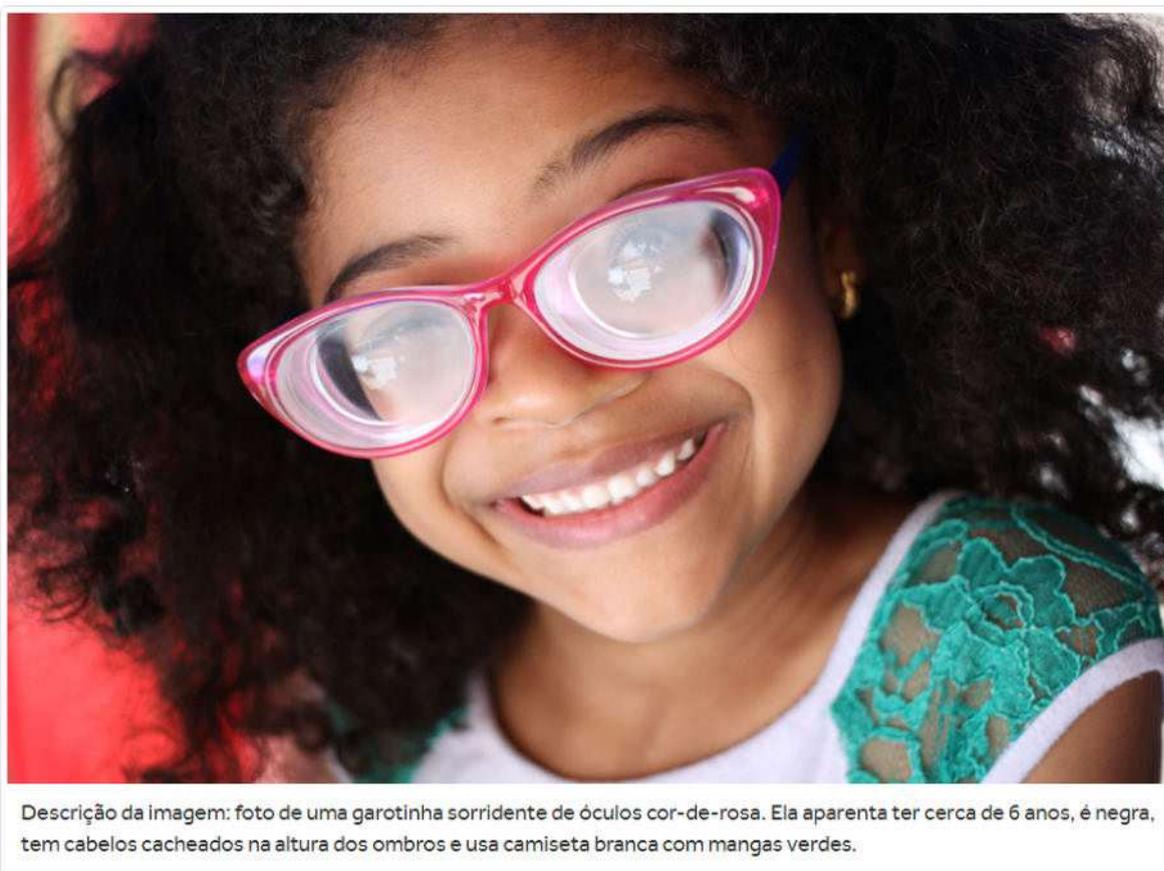
- Dizer qual é o tipo de imagem: fotografia, tirinha, charge, gráfico, ilustração, etc;
- Fazer a audiodescrição a partir do sentido lógico da leitura da imagem, levando em consideração as informações apresentadas;
- Informar as cores da imagem: ilustração em branco e preto, fotografia em tons de azul;
- Descrever, de maneira lógica e objetiva, todos os elementos que compõem a imagem, inclusive o conteúdo escrito;
- Procurar não ser redundante na audiodescrição e também adotar períodos com frases mais curtas;

---

<sup>27</sup> A audiodescrição (AD) é um recurso que traduz imagens em palavras, permitindo que pessoas cegas ou com baixa visão consigam compreender conteúdos imagéticos como fotografias, gráficos, ilustrações, esquemas, charges, vídeos, etc. (UFMG, 2021, on-line)

- Evitar uso de termos interpretativos subjetivos. Se algo é belo, feio, nojento, afável... isso deve ser percebido e interpretado pela pessoa que receberá a audiodescrição.
- No caso de audiodescrição na forma escrita, é importante que a cor e o tamanho da fonte permaneçam os mesmos do texto que consta no restante da mensagem, para que o conteúdo audiodescrito também seja acessado pelas pessoas com baixa visão. (UFMG, 2021, on-line).

Figura 12 - Exemplo de audiodescrição.



Fonte: Fundação Dorina Nowill para Cegos<sup>28</sup>.

Portanto, essas boas práticas vão na direção de favorecer a imaginação de aspectos imagéticos e o acesso à memória visual (no caso de pessoas com deficiência visual adquirida) em relação às imagens estáticas, bem como podem auxiliar no uso de ferramentas de tradução para Libras, como o VLibras, para pessoas com deficiência auditiva ao acessarem imagens que tenham essa necessidade, conforme foi exposto.

---

<sup>28</sup> Descrição de imagem: o que você precisa saber para compartilhar conteúdos acessíveis (FUNDACAODORINA.ORG.BR, 2020). Disponível em: <<https://fundacaodorina.org.br/blog/descricaodeimagem/>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

#### 4.1 Estratégias sugeridas às equipes para imagens estáticas

No caso das imagens estáticas, a recomendação para as equipes foi, a priori, seguir as orientações postas no seminário formativo do dia 17 de abril, quando falei sobre audiodescrição e texto alternativo, com passo a passos, visto que alguns estudantes não tinham contato com os recursos. O foco inicial foi em fotografias e em cards de redes sociais, pois haviam equipes cogitando usar o Instagram em paralelo com a produção central, porém essa ideia foi sendo dispensada.

Surgiu ainda durante o seminário a demanda de materiais com orientações para infográfico e gráficos e outras dúvidas, o que foi alinhado aos poucos, sendo totalmente resolvido com a produção do Guia, relacionando-os à imagem estática.

Uma instrução geral era criar um texto equilibrado em número de caracteres que conseguisse trazer as informações principais da imagem sem se perder em detalhes desnecessários e com uma abordagem mais objetiva. Isso ajuda com que o texto não passe do limite de caracteres sempre que possível e também faz com que a experiência de quem está usando o leitor para acessar aquela descrição não seja maçante, mas sim atenda às suas necessidades de forma otimizada.

Figura 13 - Exemplo de audiodescrição apresentada no 1º Seminário.



Fonte: Instagram do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará.

Passada a parte inicial e o período após a divulgação do guia, iniciou-se a fase de implementações das equipes. Mais de uma matéria apresentava imagens, inclusive, como dito no capítulo 2, o formato de materiais interativos estava ligado ao formato de imagens estáticas, pois a adaptação deveria ser feita tendo as noções de audiodescrição como horizonte.

Por isso, desde o primeiro momento das implementações, quando orientei algumas equipes, o maior volume de materiais já elaborados eram os de textos (que tinham uma natureza mais simples) e os das imagens (que já exigiam um conhecimento específico maior). Vale destacar que as equipes que já apresentaram as descrições prontas me deixaram positivamente surpreso com a qualidade das descrições, necessitando poucas vezes de ajustes ou acréscimos.

Irei aqui destacar uma matéria multimídia com predominância de imagens estáticas para análise, que será a matéria desenvolvida pela equipe da Nara Santos.

#### 4.2 Exemplos de implementações feitas pelos estudantes

A equipe formada por Nara Santos, Ana Alice Guedes, Guilherme Martins e Julia Fraga trabalhou num material com forte presença de perfis jornalísticos com fotos dos perfilados, sendo que a audiodescrição dessas fotografias é essencial para pessoas com deficiência visual, já que elas dão a personificação própria dos perfis.

Figura 14 - Exemplo de audiodescrição feita pela equipe.



5

Fotografia colorida de Nazaré, tirada em viagem ao Egito, em dezembro de 2018. Ela está em primeiro plano, usando blusa rosa, casaco, calça e bolsa pretos, lenço escuro estampado e chapéu bege. Em segundo plano se vê duas pirâmides.

Fonte: Material bruto da equipe.

No caso de pessoas com deficiência auditiva, as informações visuais do material não apresentavam complexidade textual necessária para a audiodescrição explícita na matéria, de modo que ficou mais a cargo de textos alternativos, que têm suporte do Wix, a parte da acessibilidade das imagens estáticas apresentadas.

Figura 15 - Exemplo da mesma foto transposta para o Wix com *alt text*.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Aqui se tem a imagem sem a audiodescrição explícita, o texto que segue já é uma introdução do perfil que parte da imagem, mas não a descreve com a objetividade e as diretrizes próprias da audiodescrição mostrada na figura anterior. Apenas o leitor de tela e o SEO<sup>29</sup> terão acesso a esse *alt text*, que tem a mesma descrição feita no arquivo bruto feito pela equipe, mas que não aparece no site para pessoas que navegam de forma comum.

<sup>29</sup> SEO (Search Engine Optimization) é o conjunto de estratégias de otimização para mecanismos de busca. O objetivo é alcançar bom posicionamento orgânico de páginas da web no Google e em outros buscadores, com conteúdos de qualidade e que entreguem uma boa experiência para os usuários. (ROCKCONTENT.COM, 2023, on-line). Ver mais em: <<https://rockcontent.com/br/blog/o-que-e-seo/>>. Acesso em: 18 nov. 2023.

No fim, a equipe conseguiu entregar um material com excelente acessibilidade para pessoas com deficiência sensorial de diferentes tipos e níveis.

## 5 AUDIOVISUAL

Diferente do caso das imagens estáticas, o audiovisual tende a trabalhar mais com imagens dinâmicas junto ao som. Dessa maneira, se complexifica a questão da acessibilidade comunicativa, visto que você deve se preocupar com a acessibilidade do produto nesses dois níveis, de forma que não comprometa, ou comprometa o mínimo possível, o conteúdo original (sem prejuízo da fruição).

Pode-se separar as necessidades de acessibilidade no audiovisual em três linhas principais: para pessoas com deficiência visual, audiodescrição e para pessoas com deficiência auditiva, legendas — preferencialmente Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE) — e janela de Libras (BRASIL, 2015).

Primeiro, sobre a audiodescrição no formato audiovisual, dois aspectos principais a se levar em conta são evitar a redundância e a sobreposição. Sobre a redundância, é importante saber que não é necessário descrever algo que está em cena e é de fácil associação com o som, como “um telefone está tocando”. Seria mais interessante indicar o local em que está o telefone, sua cor, se é antigo ou moderno, etc. (UFMG, 2021).

No caso da sobreposição, é importante evitar o choque da audiodescrição com as falas e a narração do vídeo, a AD deve vir preferencialmente entre as falas (UFMG, 2021). Outra orientação para evitar sobreposição é distinguir uma voz para a legenda e outra para a audiodescrição em vídeos de língua estrangeira:

Em caso de vídeos em língua estrangeira com legenda, deve-se fazer a leitura da legenda para que a pessoa com deficiência visual tenha acesso a ela. É importante observar que a voz que narra a audiodescrição e a voz que lê as legendas devem ser diferentes, se possível, para que as informações não se confundam. (UFMG, 2021, on-line).

É importante dizer que a audiodescrição de vídeos segue diretrizes parecidas com a das imagens estáticas no que toca a lógica, objetividade, elementos a se destacar, entre outros. Todavia, a AD no audiovisual deve ser mais concisa e planejada desde o roteiro do material, para que se planeje, mesmo que projetivamente, onde terão as pausas para encadear as descrições e as sonoras

sem choques, ou com o menor número de choques possível — quando a audiodescrição precisa contextualizar os elementos visuais cruciais para o entendimento do produto comunicacional (BRASIL, 2015).

Com as experiências nas cadeiras práticas do curso, eu percebi que fazer uma audiodescrição na fase tardia da pós-produção é, potencialmente, muito mais difícil e o resultado tende a não ficar satisfatório, visto que essas pautas não foram pensadas e podem ter outros elementos concorrendo com a AD, seja diálogos, seja uma narração em off, criando algumas sobreposições.

Em relação às pessoas com deficiência auditiva, os recursos empregados são a janela de Libras e legendagem, sendo que a legendagem para ouvintes é bem mais comum de se encontrar do que a Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE), que auxilia os surdos oralizados<sup>30</sup>. A LSE pode ser compreendida como:

A tradução das falas de uma produção audiovisual em forma de texto escrito, podendo ocorrer entre duas línguas orais, entre uma língua oral e outra de sinais ou dentro da mesma língua. Por ser voltada, prioritariamente, ao público Surdo e Ensurdido, a identificação de personagens e efeitos sonoros deve ser feita sempre que necessário. (BRASIL, 2015, on-line).

Essas indicações não são feitas nas legendas para ouvintes, visto que a relação da identificação dos personagens pode ser feita pela pista sonora e os efeitos sonoros são captados pela audição. Da mesma forma, uma música que tenha uma letra importante na geração de sentido deve ser legendada, também é importante indicar que é um trecho musical, para que não seja confundida com alguma fala ou elemento fora da tela.

Por fim, a janela de Libras é o recurso que permite especialmente surdos sinalizados<sup>31</sup> terem acesso ao audiovisual, visto que a legendagem acaba tendo o limite do idioma para eles. A Janela de Libras pode ser compreendida como:

O espaço destinado à tradução entre uma língua de sinais e outra língua oral ou entre duas línguas de sinais, feita por Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS), na qual o conteúdo de uma produção audiovisual é traduzido num quadro reservado, preferencialmente, no canto inferior direito da tela, exibido simultaneamente à programação. (BRASIL, 2015, on-line)

---

<sup>30</sup> São pessoas que leem lábios, que falam (ou não), que dominam o português escrito e até mesmo outros idiomas e que usam (ou não) a tecnologia para voltar a ouvir. (MUDES.ORG.BR, 2022). Ver mais em: <<https://mudes.org.br/estudante/surdos-oralizados-e-surdos-sinalizados/>>. Acesso em: 18 nov. 2023.

<sup>31</sup> São pessoas que conversam por meio de gestos. Têm como a primeira Língua a Libras, pois não estão aptos a compreender a Língua Portuguesa. São popularmente apontados pela denominação pejorativa como 'surdos-mudos'. (*Ibid.*).

Para atender às variadas necessidades de PcD sensorial no audiovisual, é importante que o produtor contemple todos esses recursos no vídeo.

Figura 16 - Exemplo de uso de LSE e Janela de Libras em obra Audiovisual.



Fonte: Documentário 'Saúde é ter condições de viver dignamente'<sup>32</sup>.

Dentre os recursos de acessibilidades trabalhados, o da janelas de Libras é o mais complexo, pois necessita de pessoas que sejam intérpretes de Libras, o que demanda uma expertise, e de um envolvimento delas com o processo de produção, sendo necessário antecedência nos processos e entregas, e uma sistematização diferenciada. Além disso, devido à minha deficiência física, eu não consigo sinalizar e tenho pouco conhecimento acerca da Libras, o que dificultou ainda mais o uso desse recurso assistivo nas produções.

### 5.1 Estratégias sugeridas às equipes para o formato audiovisual

Ainda no seminário formativo, pontuei que existia uma dimensão muito importante que deve sempre ser levada em conta quando se está trabalhando com a acessibilidade comunicativa: os recursos financeiros e humanos. Salientar isso é fundamental, pois o audiovisual demanda um certo pragmatismo devido à sua complexidade, para que não haja um plano inexecutável, por melhor que ele possa parecer — evitando frustração e desperdício de esforço.

<sup>32</sup> CASTRO, Guilherme. SAÚDE - Libras, Audiodescrição e Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE). Youtube, 06 de outubro de 2017. Disponível em: <[https://youtu.be/TMyk\\_YuVnWA?si=1GPMx0OETLFFMNN](https://youtu.be/TMyk_YuVnWA?si=1GPMx0OETLFFMNN)>. Acesso em: 19 nov. 2023.

Outro alerta foi que, diferentes dos formatos anteriores, o Wix não dá um suporte para a transposição de recursos assistivos para vídeos, todos esses elementos devem ser realizados nos próprios *softwares* de edição de vídeo e nos processos anteriores de pré-produção e gravação, nesta última uma diretriz importante é deixar um espaço na parte inferior direita no enquadramento, para que na pós-produção seja adicionada a janela de Libras sem prejuízo de informação.

Postas essas questões, trouxe orientações desse formato, como fiz no de imagens estáticas, reforçando a importância de trazer a AD desde o roteiro, de evitar redundância e sobreposições, mostrei a ferramenta do VLibras Vídeo (mas no decorrer da disciplina esta ferramenta apresentou muita instabilidade e só foi utilizada por uma equipe) e mostrei um vídeo com audiodescrição para exemplificar. Também, como no caso das imagens estáticas, houveram dúvidas que foram alinhadas e serviram de base para a construção do guia, principalmente a disponibilização de tutoriais do CapCut, programa que realiza edição de vídeo e legendagem automática a partir do áudio do vídeo com emprego de I.A.

Pensei neste programa, pois ele é gratuito, disponível para computador e celular e agiliza o processo de transcrição, tendo em vista que as equipes estavam com prazos apertados e dificuldades de entregar, o que foi reforçado em mensagens no grupo de WhatsApp da disciplina e nas reuniões com a Comissão de Acessibilidade, sendo que nós da comissão decidimos que quanto mais pudéssemos descomplicar os processos com o guia, melhor.

Como dito antes, a parte de Libras foi difícil, na Comissão de Acessibilidade um dos membros buscou contatar o Centro de Referência em Educação e Atendimento Especializado do Ceará (CREAECE) para conseguir parceria e solicitar um intérprete, mas não houve sucesso; fui à Biblioteca Pública do Estado do Ceará (BECE), mas lá os intérpretes atendem apenas a demandas do Estado, não havendo a possibilidade de colaboração; e depois tentei contato com uma estudante do curso de Letras - Libras da UFC, mas as equipes precisavam entregar os materiais com antecedência, o que não foi possível.

Isso poderia ter sido melhor combinado, eu poderia ter tentado conversar com as equipes melhor, mas a dinâmica acelerada do fim do semestre complicou esses acordamentos e já estava havendo extensão do prazo final.

No primeiro semestre só tive acesso aos planos desses produtos, por isso também ficou difícil de contribuir com orientações mais pontuais ao material feito.

Irei aqui destacar dois webdocumentários para análise, desenvolvidos pelas equipes do João Vitor Umbelino e pela do Gustavo Ferreira e recebidos por mim nesse período posterior à realização de LabJor I.

## **5.2 Exemplos de implementações feitas pelos estudantes**

Acredito que vale separar as duas produções para analisar cada uma de forma mais focal, mas antes disso vale trazer alguns paralelos. Ambas as produções fizeram bom uso dos recursos de acessibilidade.

No entanto, a equipe do João Vitor não colocou os recursos de legendagem e da janela de Libras. Sendo o material acessível apenas pela AD, o que o torna parcialmente acessível, visto que surdos necessitam dos dois recursos mencionados no início. Sobre isso, conversei com um dos integrantes da equipe que estava mais à frente da produção, Pedro Mairton, e ele indicou que o trabalho passará por ajustes e que pretendem inscrevê-lo com esses acréscimos na Expocom<sup>33</sup> de 2024.

A equipe do Gustavo colocou a legendagem no padrão para ouvintes (mas a pista visual está clara na montagem da edição) e chegou a contatar uma intérprete, mas houve um imprevisto com ela próximo da reta final da disciplina. Como forma de contornar isso, a equipe utilizou a ferramenta do VLibras Vídeo para criar uma janela de Libras com um avatar 3D e anexá-la ao vídeo no processo de edição.

Essa questão do intérprete foi comentada pelo Gustavo em conversa que tivemos no WhatsApp. Conseguir um intérprete demandaria um custo considerável, a pessoa que eles tinham contatado era próxima a eles e faria o serviço gratuitamente. Aqui entra o aspecto dos recursos financeiros que são mais limitados em uma produção desenvolvida em uma disciplina de universidade, na maioria das vezes os trabalhos são custeados pelos próprios estudantes, havendo um limite a depender da condição financeira de cada aluno/equipe.

Pela natureza visual deste trabalho, vão ter poucos anexos da equipe do João Vitor, pois a audiodescrição é sonora e não me foi enviado roteiro ou algo do tipo, por isso será necessário acessar a produção postada no site para verificar melhor.

---

<sup>33</sup> Expocom é uma mostra competitiva anual de trabalhos desenvolvidos nos cursos de graduação em Comunicação promovida pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

### 5.2.1 Exemplos de implementações feitas pela equipe do João Vitor

A equipe formada por João Vitor Umbelino, Pedro Mairton, Gerdyana Vasconcelos e Lara Santiago trabalhou em um webdocumentário muito rico em audiodescrição. Eles combinaram audiodescrições de pessoas; de elementos que apareciam na tela, como desenhos, quadros e outros objetos; de anexos adicionados na edição; de situações que aconteciam no vídeo, tudo isso em meio às pausas e respeitando as camadas sonoras do vídeo.

Isso favorece com que a pessoa com deficiência visual consiga entender o entorno que circunda o vídeo para além do som das vozes, do som do vídeo e da sequência lógica de início, meio e fim do audiovisual, que até permitem um grau de compreensão do que foi assistido, mas muitas informações úteis se perdem.

Quem gravou a audiodescrição foi Pedro Mairton, sendo muito bem executada no ritmo da fala e muito bem estruturada para o audiovisual que exige um estilo sintético que, ainda assim, garanta a apreensão dos significados importantes ao entendimento do vídeo e a uma boa experiência estética.

Figura 17 - Trecho de audiodescrição feita pela equipe do João Vitor.



Fonte: *Printscreen* do vídeo no youtube, com legendas geradas automaticamente, feito pelo autor.

É importante dizer que upar os vídeos originais, que estavam em arquivo off-line, para youtube de forma não listada (para garantir que os vídeos não ficassem públicos para quem não tivesse os links ou não os acessassem pelo site de

simulação), foi a forma que encontrei de trabalhar com mais facilidade e disponibilizar o material no TCC, por isso consegui tirar essa captura de um trecho de uma audiodescrição que indica vestuário e características físicas da entrevistada.

Como dito anteriormente, a equipe conseguiu trazer uma acessibilidade parcial para pessoas com deficiência sensorial, sendo que para pessoas com deficiência visual o recurso de audiodescrição está excelente e para pessoas com deficiência auditiva os recursos de legendagem e janela de Libras podem ser adicionados de forma com que a produção passe do nível parcialmente acessível para acessível, sendo este indicado no seminário formativo como nível almejado.

### **5.2.2 Exemplos de implementações feitas pela equipe do Gustavo**

A equipe formada por Gustavo Ferreira e Laila Nobre também realizou um webdocumentário (webdoc) que contemplou audiodescrição, legendagem no padrão para ouvintes e janelas de Libras com o avatar 3D da ferramenta VLibras Vídeo.

Na parte da audiodescrição, o estilo do webdoc da dupla, que tinha forte presença de falas encadeadas, favoreceu com que as descrições fossem mais breves e em número reduzido em relação à equipe do João Vitor, principalmente pelo imperativo de evitar sobreposições o máximo possível.

Figura 18 - Trecho de audiodescrição feita pela equipe do Gustavo.



Fonte: *Printscreen* do vídeo no youtube, com legendas geradas automaticamente, feito pelo autor.

No campo da legendagem foi empregado o padrão para ouvintes próprio dos programas de legendagem automática, a exemplo do CapCut que foi indicado no Guia Rápido de Acessibilidade. Os ajustes para transformar uma legendagem feita assim em uma Legendagem para Surdos e Ensurdcidos (LSE) perpassa por algumas noções do que se deve pontuar ou não, quais estruturas seguir, etc. que necessitam de uma intervenção humana. Como não tive acesso à produção antes do fim da disciplina, não consegui orientar a equipe no sentido de fazer algumas modificações para deixar no padrão de LSE.

Todavia, as falas acontecem sempre quando o sujeito está no plano, sendo que isso é reforçado pela aparição dos GCs de cada um, e não há sons ambientes importantes para o sentido do material. Dessa forma, embora não esteja no padrão de LSE, a legendagem do vídeo consegue garantir a acessibilidade comunicativa do webdocumentário para surdos oralizados.

Figura 19 - GC e legenda da fala de Edite Paulino.



Fonte: Colagem elaborada pelo autor.

Também, a legendagem segue bons parâmetros de sincronização, ritmo e de número de linhas (recomendam-se duas, no máximo três, sendo que a equipe trabalha majoritariamente com uma, mas sem prejuízo do recurso). Além disso, a cor da legenda é branca com contorno preto, ideal para contrastar com o vídeo e, junto a um texto não serifado, com tamanho adequado, deixam a legenda com alto grau de legibilidade, sendo isso importante no caso de pessoas com deficiência sensorial múltipla, alguém com deficiência auditiva moderada e baixa visão, por exemplo.

O último elemento a se abordar é o da janela de Libras.

Figura 20 - Trecho do webdocumentário com legenda e janela de Libras.



Fonte: *Printscreen* do vídeo no youtube feito pelo autor.

Como foi dito, Gustavo e Laila fizeram uso da ferramenta do VLibras como forma de contornar um descompasso que tiveram com uma intérprete real que os ajudaria. Ainda na conversa que tive com Gustavo pelo WhatsApp, ele falou um pouco sobre a experiência desafiadora de passar a fala dos candidatos para o avatar 3D, já que não era só transpor a decupagem, era necessário uma adaptação no texto para que a ferramenta funcionasse da melhor forma possível e fosse compreensível para surdos sinalizados.

Outrossim, ele disse que não estava muito seguro quanto ao resultado, mesmo tendo feito o possível.

Sabendo disso, mostrei o vídeo a uma amiga do curso de Letras - Libras da UFC para que ela avaliasse a implementação deste recurso. Segundo a consultoria dela, a ferramenta tem suas limitações, especialmente em relação a alguns sinais, porém o webdocumentário apresentava um bom grau de compreensibilidade.

Dessa forma, a dupla conseguiu produzir um webdocumentário com os elementos postos desde o seminário formativo para a acessibilidade comunicativa do audiovisual, o que gerou um produto final acessível para pessoas com deficiência sensorial de diferentes tipos e níveis no que se refere a esse formato — feito realizado com louvor, visto que era uma equipe de tamanho reduzido e pela natureza desafiadora da acessibilidade no audiovisual.

## 6 SONORO (PODCAST)

Já há no senso comum uma ligação entre o rádio e pessoas com deficiência visual, especialmente para acompanhar o noticiário e os esportes, com destaque ao futebol. Essa ligação encontra ressonância em estudos acadêmicos também, bem como se expande para os podcasts (GODOY, 2003<sup>34</sup>; MACIEL e SILVA, 2015<sup>35</sup>; DIAS, 2021<sup>36</sup>).

Esses estudos apontam que o formato sonoro consegue atender às necessidades de pessoas com deficiência visual melhor do que os outros, visto que ele é pensado predominantemente pelo som, diferente da televisão, que por ter recursos visuais e por sua natureza muito dinâmica abre mão do som pela narrativa visual, até mesmo para evitar redundância, o que pode criar lacunas de compreensão para PcD visual.

Por isso, esse formato já tem uma acessibilidade potencialmente favorável para cegos e pessoas com baixa visão, necessitando, por vezes, de pequenos ajustes no roteiro.

---

<sup>34</sup> Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/59259098082741619808967963251888726262.pdf>>.

Acesso em: 21 nov. 2023.

<sup>35</sup> Disponível em:

<<https://www.unoeste.br/Content/Documentos/Nai/recursos-de-acessibilidade.pdf#page=49>>. Acesso

em: 21 nov. 2023.

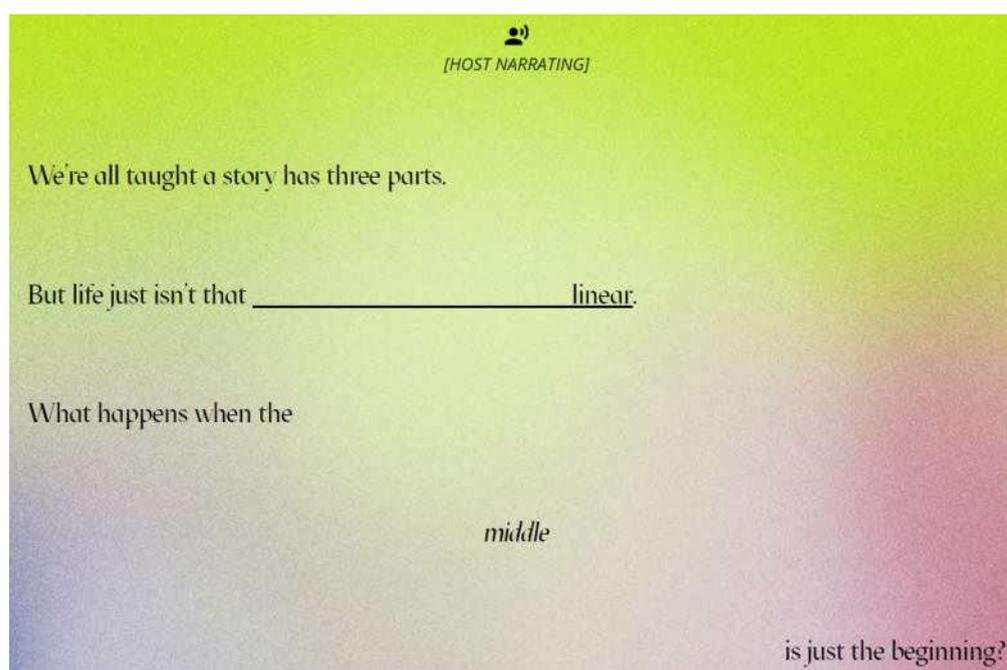
<sup>36</sup> Disponível em:

<[https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/24197/1/master\\_ines\\_silva\\_dias.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/24197/1/master_ines_silva_dias.pdf)>. Acesso em : 21 nov. 2023.

Entretanto, o contrário ocorre para pessoas com deficiência auditiva. Para elas o sonoro precisa ser radicalmente adaptado, inclusive com uma adaptação para formatos diferentes do original, podendo ser o formato textual ou o audiovisual os formatos para essa adaptação por transmutação. Dentre esses, trazer para o formato textual é mais simples, mas pode ficar menos atrativo e mais difícil de ser consumido off-line. Já para o formato audiovisual, é um pouco mais complicado, mas é mais atrativo e permite o consumo off-line, inclusive em programas de preferência do usuário, o que atende ainda mais às boas práticas de acessibilidade.

Há ainda uma terceira opção que é criar uma transcrição que integra o texto com elementos de design gráfico para deixar a transcrição mais dinâmica e interessante, com adição de ilustrações e imagens também. Essa é a transcrição imersiva, sendo um exemplo conhecido o do podcast “More Than This”<sup>37</sup>.

Figura 21 - Trecho da transcrição imersiva do More Than This.



Fonte: More Than This.

Esse foi o único exemplo que vi dessa forma de adaptação derivada de podcast. Além disso, por ser em inglês o acesso pode ficar mais difícil.

Dessa forma, quem decide trabalhar com a acessibilidade em formato sonoro tem esse leque de opções. Cabe, então, ponderar qual delas vai escolher de acordo

---

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://voxmedia.github.io/vc-tracfone-more-than-this/>>. Acesso em: 23 nov. 2023.

com os recursos financeiros e humanos que dispõe (no caso da transcrição imersiva é importante ter alguém que tenha conhecimentos em design gráfico na equipe); com o tempo que tem para realizar o trabalho; com o domínio que tem do formato sonoro em si e do formato utilizado para a transmutação.

### **6.1 Estratégias sugeridas às equipes para formato sonoro**

De início, apresentei apenas a transcrição imersiva e a ferramenta de Libras como apoio ao audiovisual, a transcrição direta em pdf apenas com texto era simplória e tida como um plano B pelas equipes que estavam pensando em trabalhar com o formato sonoro. Nessa etapa inicial a empolgação favoreceu com que as equipes buscassem estratégias mais interessantes e atrativas para o público de pessoas com deficiência auditiva.

No entanto, eu deixei disponível um exemplo de transcrição simples, para que mesmo que não utilizassem no contexto da disciplina, eles soubessem que existe essa alternativa.

Com o tempo, apenas uma equipe foi mantendo o contato comigo, outras migraram para outros formatos ou abandonaram a ideia de trabalhar com o podcast. Essa equipe era a do Mário Flor. Eles cada vez mais se encaminharam para a adesão da transmutação pelo formato audiovisual.

Sabendo disso, fui orientando-os nessa direção com tutoriais e dicas. Tinha contato mais fácil com o Mário, pois ele era colega em outra disciplina e também era membro da Comissão de Acessibilidade, o que facilitava intercâmbios de ideias de forma mais fluída.

Uma orientação foi a de pontuar elementos sonoro entre colchetes, por exemplo, para indicar uma fala de Mário legenda-se [Mário] em seguida coloca a fala, para indicar música legenda-se [Música] e em seguida coloca a letra ou, no caso de música instrumental, a indicação da emoção que ela evoca, algum aspecto, ou gênero, como [Música triste]; [Piano desafinado toca ao fundo]; [Música clássica].

Ao fim da cadeira, Mário me apresentou um trecho da produção e depois, já no segundo semestre, me passou os dois episódios completos atendendo prontamente e de forma solícita à minha solicitação para analisar o material da sua equipe nesta monografia.

## 6.2 Exemplos de implementações feitas pelos estudantes

A equipe formada por Mário Flor e Giselly Correa produziu dois episódios de podcast que contemplaram a Legendagem para Surdos e Ensurdidos em um formato audiovisual.

Vale indicar que as pontuações da pessoa que fala, elementos sonoros, antecipação do que vai ser dito, ou de trecho de entrevista que vai ser apresentada, são essenciais para pessoas com deficiência auditiva, porque, diferente do formato audiovisual que tem as pistas visuais, o formato sonoro não tem qualquer aspecto visual, se o produtor inserir apenas uma legendagem no padrão para ouvintes a pessoa com deficiência auditiva, mesmo que oralizada, não vai conseguir entender o que se passou no episódio com clareza, visto que não vai saber quem falou, ou até mesmo não saber se aquilo é uma fala dentro do podcast entre *hosts* ou de uma sonora. Fica muito difícil de se compreender apenas tentando traçar um fio lógico, até mesmo impossível.

A equipe pontuou com os colchetes esses elementos durante a legendagem o de acordo com a orientação anterior.

Figura 22 - Trechos do podcast com pontuações de sons na legenda.



Fonte: Colagem elaborada pelo autor.

Para legendar foi utilizado o CapCut, com uso da legendagem automática. Essa legendagem tende a vir com erros e formatada no padrão para ouvintes. Dessa maneira a equipe teve de editar manualmente a legenda para ajustá-la ao padrão da LSE..

Postas essas considerações, a equipe conseguiu trazer uma acessibilidade parcial para pessoas com deficiência sensorial, sendo que para pessoas com deficiência visual o formato sonoro as contempla (mesmo estando transmutado para audiovisual, a natureza rica da informação sonora é conservada) e para pessoas com deficiência auditiva oralizadas os recursos de LSE também está contemplando-as. Mas, a falta da janela de Libras impediu que a produção fosse acessível para surdos sinalizados, o que pode ser consertado depois em etapa de pós-produção, caso a equipe assim deseje.

## **7 MATERIAIS INTERATIVOS**

Não há muito o que ser posto em relação a esse formato em particular, tendo os capítulos anteriores como parâmetro, porém cabe um capítulo mais reflexivo.

Já no dia do seminário formativo esse formato foi indicado como um dos cotados para compor as matérias, mesmo que fosse apenas acessório de uma matéria maior. Isso pode ser explicado pelos materiais interativos serem atrativos e dinâmicos, especialmente em uma proposta multimídia.

Eu mesmo, quando cursei LabJor I, produzi um infográfico interativo, é inclusive divertido o processo de produção — por mais que seja cansativo, o resultado compensa. No entanto, no meio da produção do infográfico eu percebi que a plataforma em que estava o produzindo (Genially) não tinha suporte algum para acessibilidade, o que me levou a buscar alternativas.

Só que a única alternativa que encontrei foi adaptar para o formato de imagem estática (por vezes com alguma menção a animações), com isso se perdeu a experiência da interatividade, mas se preservou o conteúdo.

O tempo se passou e me vi novamente tendo isso como alternativa para a acessibilidade na plataforma citada. Dividi isso com as equipes, pois a plataforma permaneceu sem esse suporte durante o período inicial da cadeira, quando dei as orientações. Depois, tomei conhecimento que a plataforma tinha adotado a suporte

de acessibilidade o que mostra mais uma faceta de se trabalhar com recursos assistivo: a evolução das tecnologias e a necessidade de atualização constante, principalmente quando se lida com ferramentas de plataformas muito utilizadas.

Isso posto, não consegui trabalhar em tempo hábil com esses materiais e ficou a recomendação anterior de se adaptar com técnicas de audiodescrição de imagens estáticas.

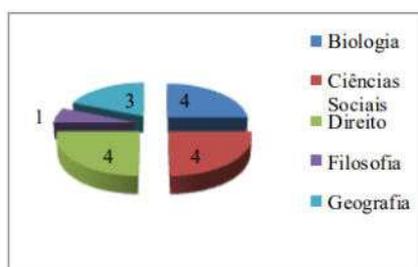
## 7.1 Estratégias sugeridas às equipes para os materiais interativos

As indicações para os materiais interativos foram as mesmas de imagens estáticas só que com uma veia voltada a gráficos e infogramas, o que vale destacar uma recomendação do Tutorial de Audiodescrição desenvolvido pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão - NAI da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, 2021):

1. Gráficos: inicialmente deve ser informado o tipo de gráfico (barras, linhas, setores, etc). Posteriormente, são informados os parâmetros apresentados nos eixos, seus respectivos valores e escalas, o comportamento do gráfico e/ou os dados apresentados. (UFMG, 2021, on-line)

Figura 23 - Exemplo de audiodescrição de gráfico.

Gráfico 3 – Formação Inicial dos Professores



Fonte: Dados obtidos nos questionários dos professores

[Audiodescrição: gráfico em pizza, dividido em cinco pedaços nas cores: azul, vermelha, verde, lilás e azul claro. Cada pedaço corresponde à formação inicial dos professores. Desta forma, em Biologia, quatro professores; em Ciências Sociais, quatro; em Direito, quatro; em Filosofia, um e em Geografia, três].

Fonte: ADMAIS – Comunicação Acessível (2018)<sup>38</sup>

<sup>38</sup> Disponível em:

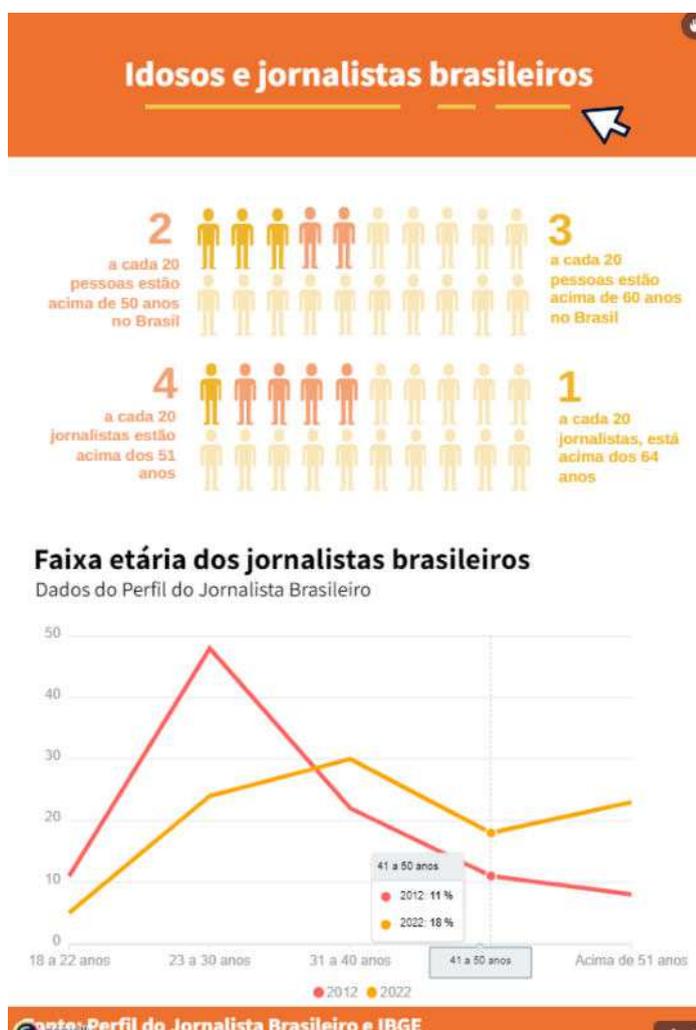
<[https://mapacultural.secult.ce.gov.br/files/agent/30289/ad\\_tese\\_final\\_0903\\_%C3%A0s\\_2240h\\_-\\_ad\\_sem\\_h%C3%ADfen.pdf](https://mapacultural.secult.ce.gov.br/files/agent/30289/ad_tese_final_0903_%C3%A0s_2240h_-_ad_sem_h%C3%ADfen.pdf)>. Acesso em: 24 nov. 2023.

A equipe da Ana Vitória trabalhou com esse formato, mas a interatividade não estava muito marcada, sendo que o trabalho da equipe do Johnnie apresentou um infográfico onde estava presente um gráfico interativo. Por isso, esse elemento do material será analisado.

## 7.2 Exemplos de implementações feitas pelas estudantes

A análise da implementação se centrará na figura 24 e na audiodescrição disponibilizada pela equipe (figura 25).

Figura 24 - Infográfico interativo elaborado pela equipe do Johnnie.



Fonte: Colagem elaborada pelo autor.

Em relação à audiodescrição ela segue a estrutura de parágrafo 2 do texto web com tamanho menor, pensado para escaneamento.

Figura 25 - Audiodescrição adaptada do infográfico interativo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Toda a audiodescrição é importante, mas a partir do ponto vermelho, onde passa-se a ler “gráfico em duas linhas, amarela e laranja (...)”, é que se encontra a parte central analisada neste capítulo, pois é nela que está a descrição do gráfico interativo que segue as recomendações do material da UFMG (2021), que foi indicado no guia e serviu para as imagens estáticas, para o audiovisual e para esse material interativo realizado pela equipe.

Dessa maneira, ao seguir as diretrizes indicado o tipo do gráfico de linhas, os parâmetros apresentados nos eixos, seus respectivos valores e os dados apresentados, a equipe garantiu que o infográfico, em especial a parte do gráfico interativo, ficasse acessível em questão de conteúdo para pessoas com deficiência sensorial, embora tenha se perdido a interatividade do material.

Esse capítulo fecha o ciclo de capítulos relacionados aos formatos adotados na disciplinas e foram aqui analisados, onde se buscou afunilar cada formato de uma maneira mais geral, passando pelo que eu trouxe nas ações para as equipes em relação a cada um deles, até chegar ao que realmente foi implementado por elas, indicando as escolhas tomadas e apresentando boa parte dos resultados desse trabalho conjunto.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar o processo de fomento da interface entre acessibilidade e produção laboratorial na disciplina de Laboratório de Jornalismo I do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), que foi devidamente alcançado na realização de uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 2007) com um esquema de cinco etapas sequenciais em meio a fases dinâmicas que alternavam no esquema de investigação-ação proposto por David Tripp (2005).

Como objetivos específicos, tem-sê: 1) mapear as potencialidades e carências do curso de jornalismo quanto à questão (da acessibilidade) tendo a turma como amostra e focando PcD sensorial. O objetivo foi concluído e apontou algumas lacunas na formação dos estudantes em relação à acessibilidade; 2) analisar as implementações realizadas pelos participantes ao fim das suas produções. Esse objetivo foi parcialmente concluído, visto que tive acesso às produções de seis das oito equipes, mas as análises apontaram para um bom uso dos recursos, algumas produções com acessibilidade total para PcD sensorial e outras com acessibilidade parcial. Isso foi um dos fatores que alimentou minha vontade de subir esses materiais para o Wix e deixá-los mais próximos do que seria na forma final; 3) Descrever os pontos positivos ou negativos quanto à condução da pesquisa-ação e condições de êxito a partir de autoavaliação e das avaliações de quatro estudantes e das duas professoras da disciplina. Já apresentei alguns pontos durante o texto sobre esse objetivo, com destaque ao diálogo que foi fundamental para que o trabalho caminhasse e às falas dos entrevistados que fizeram apontamentos defendendo a continuidade desse tipo de ação, a conscientização gerada na experiência sobre a importância da acessibilidade comunicativa e da inclusão PcD, entre outros, mas fecharei esse tópico nestas considerações).

Ainda nessa linha de retomada do trabalho, vale trazer também o problema de pesquisa que é “Como aliar acessibilidade e produção laboratorial jornalística num contexto formativo?”, pergunta essa que foi se respondendo no decorrer do processo dessa pesquisa-ação na medida que as equipes colocaram a acessibilidade desde a pauta (BONITO, 2016), iam encontrando estratégias por si mesmas, debatiam alternativas comigo, aderiram a orientações dos materiais disponibilizados nas ações com apoio da Comissão de Acessibilidade, foi se gerando um saber que se concretizou com as produções aqui apresentadas.

Desse modo, uma alternativa viável de se promover a junção da acessibilidade e produção laboratorial jornalística é construir uma experiência baseada no diálogo, na colaboração e com envolvimento dos participantes, o que garantiu uma conscientização acerca do que estava sendo debatido, indo além do nível técnico do emprego das tecnologias.

É devido a essa dinâmica, que a pesquisa-ação se mostrou fundamental para a condução deste trabalho, especialmente por conseguir passar o que aprendi sobre acessibilidade comunicativa durante o curso para outras pessoas e estimulá-las a produzir materiais comunicacionais acessíveis para pessoas com deficiência sensorial em uma dinâmica dialógica, o que seria difícil em uma posição passiva.

Vale pontuar que a metodologia tem seus aspectos de dificuldade, ela exige grande troca interpessoal, tato social e senso de improviso, já que situações inesperadas acontecem, mudanças de plano, sendo que é necessário saber lidar com essas questões. Olhando retrospectivamente posso pensar em estratégias diferentes para lidar com situações que aconteceram. Mas, a pesquisa-ação implica esse risco, a situação está acontecendo e você, por vezes, não tem muito tempo para pensar e/ou acaba tomando uma decisão errada.

Porém, é importante não deixar essas dificuldades fazerem com que você perca a oportunidade de trabalhar e gerar algo significativo em conjunto, ponderação bastante presente nas reflexões de Michel Thiollent (2007).

Algo que me ocorreu é que realizar o mesmo tipo de pesquisa feita aqui, mas em LabJor I e LabJor II poderia ser mais interessante, ter esse acompanhamento de um ano e com diferentes níveis de demandas poderia gerar uma pesquisa mais profunda. Isso seria praticamente impossível de ser feito na graduação, visto que o TCC dura 1 ano, mas pode ser uma alternativa para uma pesquisa de pós-graduação, inclusive para traçar uma linha comparativa com esta pesquisa.

Um ponto a se frisar é que essa monografia junta-se a um esforço conjunto de ações que estão promovendo a discussão de acessibilidade e comunicação nos cursos de comunicação da UFC, sendo que tive o prazer de fazer parte de algumas delas como o PET e o NACCOM e ter desenvolvido trabalhos com acessibilidade — a exemplo do Ceará em Cena. E sempre me alegra ver produções como as do Midiando, pesquisas como a do professor Luís Sérgio Santos com sinestesia para trazer acessibilidade no design para PcD visual, trabalhos desenvolvidos em outras

cadeiras que trazem essas questões, etc. Isso aponta que os cursos, especialmente jornalismo, que tenho mais contato, estão na direção de uma maior inclusão.

Porém, o curso, já tendo essa base, poderia debater mais sobre essa questão e pô-la em pauta para integrar a acessibilidade nas cadeiras práticas e teóricas (especialmente as do primeiro ano), sem a necessidade inicial de uma mudança curricular e no projeto político pedagógico, promovendo, assim, uma fase intermediária em que os recursos assistivos fossem apresentados, como são apresentados novas tecnologias para atualização. Insisto nisso, pois a fase diagnóstica indicou que mais da metade dos estudantes de LabJor I não tinham tido contato com experiências que integrassem acessibilidade no curso.

Por outro lado, o curso de jornalismo tem potencial para expandir as experiências de acessibilidade comunicativa que já existem, bem como fomentar o surgimento de outras, e o mais importante: estudantes que têm interesse pelo assunto quando são apresentados a ele.

Adotar essa postura beneficiária, inclusive, o curso a ser mais acolhedor para estudantes PcD que venha a receber.

Agora, pensando de forma mais geral, o número de pessoas com deficiência corresponde a 18,6 milhões de pessoas (IBGE, 2022), sendo que uma parcela delas necessita de acessibilidade comunicacional para ter o direito à comunicação e à informação garantidos.

Em uma época permeada por desinformação é importante que haja oferta de informação bem apurada, bem escrita e comprometida com o interesse público para essas pessoas, de forma que a produção de materiais comunicacionais acessíveis seja naturalizada e vá se tornando um padrão.

A experiência com as equipes pode escalonar com alguns desses estudantes ingressando no mercado de trabalho e somando com esse processo de acessibilidade comunicativa progressivo

Enfim, os produtos comunicacionais acessíveis frutos dessa pesquisa-ação mostram a força de se conciliar a prática laboratorial de jornalismo com a acessibilidade comunicativa em um contexto formativo, o que só enriquece as produções e contribui para uma comunicação cidadã e inclusiva.

## REFERÊNCIAS

BONITO, Marco Antonio. **Processos da comunicação digital deficiente e invisível**: mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas com deficiência visual no Brasil. 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <[http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4834/Marco%20Antonio%20Bonito\\_.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4834/Marco%20Antonio%20Bonito_.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>.

Acesso em: 10 jul. 2023.

BONITO, Marco Antonio. A Problematização da Acessibilidade Comunicativa como Característica Conceitual do Jornalismo Digital. **Âncora – Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 175-193, jan./ jun. 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/view/28307/15161>>.

Acesso em: 01 mar. 2023.

BRASIL. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. **Acessibilidade**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005. 180 p.

BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**. 2015.

BRASIL. **Guia orientador para acessibilidade de produções audiovisuais**. Camara.leg.br. Disponível em:

<[http://www.camara.gov.br/internet/agencia/pdf/guia\\_audiovisuais.pdf](http://www.camara.gov.br/internet/agencia/pdf/guia_audiovisuais.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2023.

COLETTI, Luciano; BONITO, Marco Antonio; MARTINEZ, Gabriel Araújo Pujol. Comunicação para todos: como a falta de acessibilidade comunicativa gera incomunicação?. In: IX Salão Internacional de Ensino Pesquisa e Extensão - SIEPE, 2017, Santana do Livramento. **Anais do IX Salão Internacional de Ensino Pesquisa e Extensão - SIEPE**. Bagé: Unipampa, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/98301/18542>>.

Acesso em: 09 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. **Creating alternative research methods: Learning to do it by doing it**. In *Creating knowledge: A monopoly*, 1982. p 29-37.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HABERMAS, Jurgen. **Entrevista de Jurgen Habermas a Mikael Carlehedem e René Gabriels**. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 47, março 1997, p. 85-102.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua** - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: 2022, pessoas com deficiência. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=37280>>. Acesso em: 03 ago. 2023.

LEWIN, Kurt. **Problemas de dinâmica de grupo**. São Paulo: Cultrix, 1978.

MELO, Armando Sérgio Emerenciano de; MAIA FILHO, Osterne Nonato; CHAVES, Hamilton Viana. **Lewin e a pesquisa-ação**: gênese, aplicação e finalidade. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 28, n. 1, p. 153-159, jan.- abr. 2016. doi: <<http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1162>> Acesso em: 09 abr. 2023.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. (Tese de Doutorado) FACOM/UFBA, 2003.

OLIVER, Michael. **A Sociology of Disability or a Disablist Sociology?** In Barton (ed.), *Disability and Society, emerging issues and insights*. Harrow: Longman, 1996.

OLIVER, Michael. **If I had a hammer**: the social model in action, In J. Swain; S. French; C. Barnes & C. Thomas (Eds.), *Disabling Barriers – Enabling Environments* 2nd edition, London. Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications, 2004.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 09 jul. 2020.

PLANO DE ENSINO DE DISCIPLINA. **Jornalismo.ufc.br**. Comunicação, Cidadania e Direitos Humanos. Online. s/d. Disponível em: <[https://www.jornalismo.ufc.br/files/ugd/7daee5\\_b8a7a015973844c09c8882774fe35750.pdf](https://www.jornalismo.ufc.br/files/ugd/7daee5_b8a7a015973844c09c8882774fe35750.pdf)>. Acesso em: 09 jul. 2023.

RELLO, Luz; BAEZA-YATES, Ricardo. **The Effect of Font Type on Screen Readability by People with Dyslexia**. *ACM Trans.* 2016, 33 p. <https://doi.org/10.1145/2897736>.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Quantas pessoas têm deficiência?** Montevideo: OEA, 1998. Disponível em: <[http://iin.oea.org/Cursos\\_a\\_distancia/Lectura6\\_disc.UT1.pdf](http://iin.oea.org/Cursos_a_distancia/Lectura6_disc.UT1.pdf)>. Acesso em: 08 jul. 2023.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Terminologia sobre deficiência na era da inclusão**. Online. s/d. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/acamara/estruturaadm/gestao-na-camara-dosdeputados/responsabilidade-social-eambiental/acessibilidade/glossarios/terminologia-sobre-d-eficiencia-naera-da-inclusao>>. Acesso em: 09 jul. 2023.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. *Revista Nacional de Reabilitação (Reação)*, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p.

10-16. Disponível em:

<[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI\\_-\\_Acessibilidade.pdf?1473203319](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319)>. Acesso em 01 mar. 2023.

SILVA, Denise Teresinha. Refletindo sobre (in)visibilidade social sob o viés da cidadania ativa e criativa. In: SILVA, Denise Teresinha; BASTOS, Pablo Nabarrete; MIANI, Rozinaldo Antonio; SILVA, Suelen de Aguiar (orgs). **Comunicação para a Cidadania: 30 anos em luta e construção coletiva**. São Paulo: Intercom e Gênio Editorial, 1ªed., 2021, p. 159-197. Disponível em:

<<https://www.portalintercom.org.br/uploads/wysiwyg/comunicacao-para-cidadania-30-anos-de-luta-e-construcao-coletiva.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2023.

THIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15ª edição. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).

TIPOS DE FONTE E ACESSIBILIDADE DIGITAL. **Cta.ifrs.edu.br**. Online. 2020. Disponível em:

<<https://cta.ifrs.edu.br/tipos-de-fonte-e-acessibilidade-digital/f>>.

Acesso em: 21 out. 2023.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, set./dez. 2005, p. 443-466. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQqyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>>.

Acesso em: 12 ago. 2023.

UFMG. **Tutorial de Audiodescrição** - Dicas e Orientações. Núcleo de Acessibilidade e Inclusão - NAI. 2021. Disponível em:

<<https://www.ufmg.br/nai/wp-content/uploads/2021/10/Tutorial-Audiodescri%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2023.

WERNECK, Cláudia. **Toda comunicação deve ser acessível e inclusiva** | Claudia Werneck | TEDxPUCMinas. Youtube, 19 de outubro de 2020. Disponível em:

<<https://youtu.be/GTfcWtFo8J4?si=ilTengUT4EVnHKFm>>. Acesso em: 03 mar. 2023.

WERNECK, Cláudia. **Homenagem de Claudia Werneck a Romeu Kazumi Sassaki**. Youtube, 8 de novembro de 2022. Disponível em:

<<https://youtu.be/p4-OViraGck>>. Acesso em: 01 mar. 2023.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

WOTTRICH, Laura. **Cidadania comunicativa: apontamentos escassos de um campo de batalhas**. Vitória: Congresso Mídia Cidadã, 2013. Disponível em:

<<https://abpcom.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Laura-Hastenpflug-WOTTRICH.pdf>>. Acesso em: 18 de jul. de 2023.

## ANEXOS

### Anexo 1 - Questionário da fase diagnóstica

Perguntas Respostas **24** Configurações

## Pesquisa-ação: acessibilidade e comunicação na disciplina de Laboratório de Jornalismo I

Este questionário faz parte da fase exploratória de uma pesquisa de TCC sobre acessibilidade e comunicação na disciplina de Laboratório de Jornalismo I da Universidade Federal do Ceará (UFC).

As respostas às questões a seguir ajudarão a mapear e a compreender melhor o objeto da pesquisa e servirão de base para as etapas seguintes.

Em caso de dúvidas ou outras questões, entre em contato pelo e-mail: [rodrigomes@alu.ufc.br](mailto:rodrigomes@alu.ufc.br)

Nome completo: \*

Texto de resposta curta

E-mail: \*

Texto de resposta curta

Caso possua algum tipo de deficiência, informe qual:

- Visual
- Auditiva
- Física
- Cognitiva / Intelectual
- Múltipla
- Outros...

Qual(is) você prefere trabalhar? \*

- Jornalismo Impresso
- Jornalismo Audiovisual
- Jornalismo Multimídia
- Jornalismo Sonoro
- Fotojornalismo
- Outros...

Qual seu grau de contato com acessibilidade? \*

- Elevado
- Moderado
- Regular
- Pouco
- Nenhum

Qual seu grau de experiência com os conhecimentos: \*

	Nenhum	Baixo	Regular	Moderado	Elevado
Audiodescrição	<input type="radio"/>				
Legendagem	<input type="radio"/>				
Autodescrição	<input type="radio"/>				
Libras	<input type="radio"/>				

111

Qual(is) desses recursos assistivos você conhece? \*

- OCR (reconhecimento ótico de caracteres)
- Leitores de tela
- Transcrição de textos para o Sistema Braille
- Design amigável
- Formatos de texto acessível
- Janela de Libras

Você já participou de algum projeto, construção de material, disciplina do curso, etc. que integrasse acessibilidade e comunicação? \*

- Sim
- Não

Se sim, relate um pouco sobre essa(s) experiência(s):

Texto de resposta longa

---

Para além das temáticas já apresentadas, qual seu grau de interesse em relação a discussões sobre temas como: capacitismo, barreiras enfrentadas por PcD, luta anticapacitista e inclusão? \*

- |       |                       |                       |                       |                       |                       |      |
|-------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|------|
|       | 1                     | 2                     | 3                     | 4                     | 5                     |      |
| Baixo | <input type="radio"/> | Alto |

## Anexo 2 - Slides do seminário formativo

# SEMINÁRIO 1

## Pesquisa-ação: acessibilidade e comunicação

### Lab 1

## PONTOS DE PARTIDA

- 12 milhões de pessoas com deficiência no Brasil (IBGE, 2012)
  - Acessibilidade Comunicacional (?) (SASSAKI, 2009)
    - Direito à comunicação
      - Via de mão dupla (PcD e PsD) (WERNECK, 2022)
- Pôr a acessibilidade desde a **concepção** do produto comunicacional (BONITO, 2016)
  - Pessoas com deficiência sensorial | WIX
- Pensar nos desafios e recursos (financeiros e humanos)

## NÍVEIS DE ACESSIBILIDADE

### 1. PRODUTO ACESSÍVEL

-O produto comunicacional está acessível a PcD

### 2. PRODUTO PARCIALMENTE ACESSÍVEL

-O produto comunicacional está parcialmente acessível a PcD  
-Pensar como torná-lo totalmente acessível

### 3. PRODUTO INACESSÍVEL

-O produto comunicacional não está acessível a PcD  
-Pensar como torná-lo totalmente acessível

### VERSÃO ACESSÍVEL

Uma versão do produto à parte, para atender PcDs devido, especialmente, a limites de plataformas, softwares e sites utilizados; e à limitação técnica do produtor.

# DESIGN

- Adotar contraste entre texto e plano de fundo ([Adobe Color](#))
- Preferir fontes sem serifas (sans serif)
  - Tipografia específicas
- Uso do negrito e evitar *itálico*

## COM SERIFA

Times New Roman

Garamond

Centaur

Baskerville

Didot

Rockwell

## SEM SERIFA

Verdana

Calibri

Gill Sans

Helvetica

Futura

## PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

- Janela de LIBRAS
- Legendagem (especialmente LSE)



# PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

VIBRAS VIDEO Sobre o Vibras

Para continuar, faça login ou registre-se



Se você não quiser usar o vídeo, você pode assistir aos vídeos sem áudio.

Entrar com gov.br

Realizadores



Contato

Ministério da Economia  
Secretaria de Governo Digital  
E-mail: govbr@planejamento.gov.br

## MORE THAN THIS



### EPISODE 1: MANDY

WHEN YOUR CONCEPT ZONE DISAPPEARS, WHERE DO YOU GO NEXT?

Our host Danielle travels to Tampa, Florida to meet with Mandy Harvey, a musician making everyone stop and listen. Having traveled the world on "tour," and with her fifth album underway, Mandy tells Danielle about the innovation and determination it took to find musical success. Mandy's story is all about creating the life you want, even when the path ahead of you disappears.



EXPERIENCE THE PODCAST VISUALLY

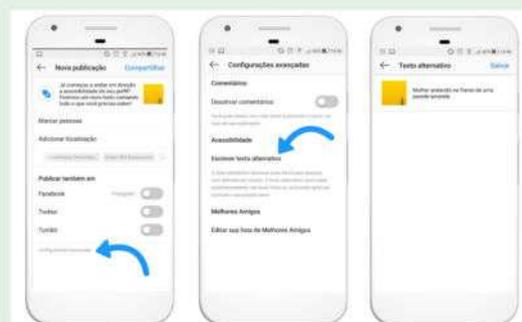
Link: <https://voxmedia.github.io/vc-trafone-more-than-this/>

## PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

### Audiodescrição para redes sociais

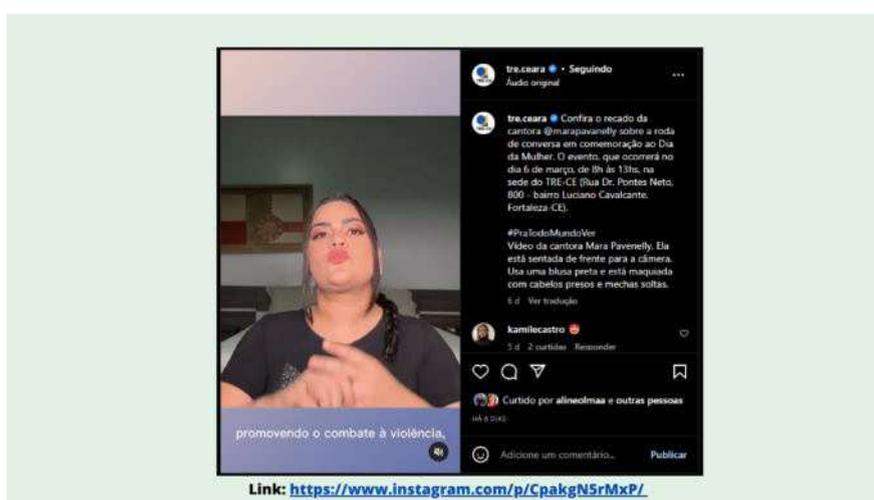
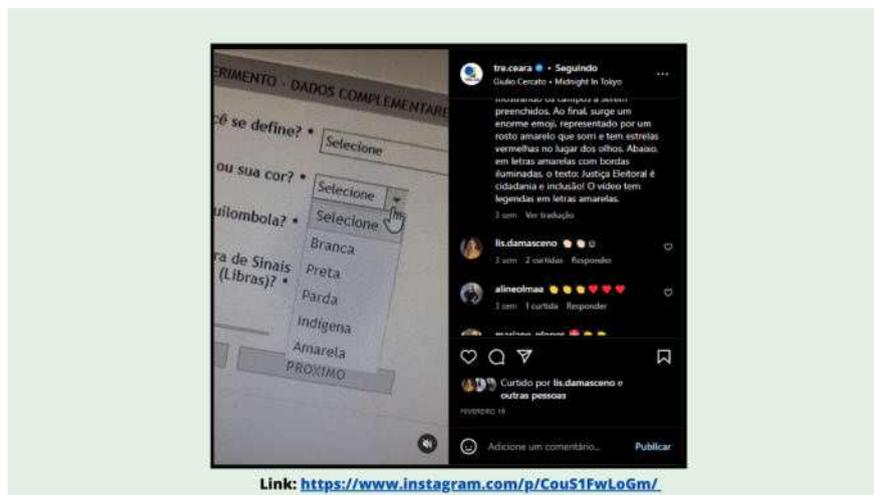
- Leitor de tela em smartphone
- De que forma fazer

## TEXTO ALTERNATIVO



## COMO FAZER?

- "Regras" básicas:
  - 1º Descrição do fundo
  - 2º Elementos de cima pra baixo, esquerda pra direita
  - 3º Selos e logos



## AUDIODESCRIÇÃO DE VÍDEOS

- No vídeo a audiodescrição (AD) demanda um roteiro para que se insira descrições do que acontece na tela, letreiros, etc.
- Porém, **não** deve haver sobreposição da AD em relação a diálogos, falas de entrevistados e narração.

## AUDIODESCRIÇÃO DE VÍDEOS



Link: <https://youtu.be/AcyFUIH-zro>

## FORMATOS DE TEXTOS ACESSÍVEIS

-Formatar o texto no Word (ou outro programa de texto com as devidas ferramentas) para deixá-lo acessível para leitores de tela.

-Fazer audiodescrições.

Link: [https://www.tjdf.tj.jus.br/ acessibilidade/publicacoes/documentos-pdf/producao\\_de\\_conteudo\\_com\\_acessibilidade\\_vf3.pdf](https://www.tjdf.tj.jus.br/ acessibilidade/publicacoes/documentos-pdf/producao_de_conteudo_com_acessibilidade_vf3.pdf)

## AUTODESCRIÇÃO

- Apresentação: me chamo fulane, sou (profissão) em (ocupação)
- Sou um (informar gênero, se houver)
- Estatura (ex: 1,80..)
- Cor da pele
- Cor e tamanho dos cabelos
- O que veste

## MATERIAIS ÚTEIS

### IMAGENS

[Como descrever suas fotos - Histórias de Cego responde \(vídeo\)](#)

[Como fazer descrição de imagens? \(web\)](#)

[Boas práticas em descrição de imagem p/ Ambiente Digital Fabiana Cerato \(vídeo\)](#)

## MATERIAIS ÚTEIS

### PODCASTS

[Como produzir podcasts acessíveis? \(web\)](#)

### VÍDEOS

[Autodescrição \(vídeo\)](#)

[Audiodescrição \(web\)](#)

[AUDIODESCRIÇÃO | O que é? \(vídeo\)](#)

## MATERIAIS ÚTEIS

### EXTRAS

[Minimanual Acessibilidade Comunicacional - UFSM \(web/pdf\)](#)

[Manual sobre Desenvolvimento Inclusivo para a Mídia e Profissionais de Comunicação \(web/word\)](#)

[Converter legenda do youtube em .SRT \(site\)](#)

## REFERÊNCIAS

BONITO, Marco Antonio. A Problematização da Acessibilidade Comunicativa como Característica Conceitual do Jornalismo Digital. *Âncora - Revista Latino-americana de Jornalismo*, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 175-193, jan./ jun. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/view/28307/15161>>.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. *Revista Nacional de Reabilitação (Reação)*, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI\\_-\\_Acessibilidade.pdf?1473203319](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319)>.

WERNECK, Cláudia. Homenagem de Claudia Werneck a Romeu Kazumi Sassaki. Youtube, 8 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://youtu.be/p4-OViraGck>>.

### Anexo 3 -Guia Rápido de Acessibilidade

# GUIA RÁPIDO DE ACESSIBILIDADE








**Laboratório de Jornalismo I - 2023.1**  
**Comissão de Acessibilidade**

## O QUE É ACESSIBILIDADE?

O objetivo da acessibilidade é promover mais autonomia e liberdade para que Pessoas com Deficiência (PcD) possam ser incluídas na sociedade de forma justa e equitativa a partir do acesso à informação, à educação, ao trabalho e a todos os aspectos sociais.

Q
Lei nº 13.146/2015 - Lei Brasileira de Inclusão (LBI)
X

**Também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, a LBI entrou em vigor em janeiro de 2016, reiterando diversos pontos relacionados à acessibilidade e acessibilidade digital.**

## Recursos assistivos para audiovisual

### Legenda



A legenda nos vídeos é um recurso que auxilia todas as pessoas e não apenas as PcD. Mas para pessoas com deficiência auditiva, a legenda é fundamental para a compreensão do conteúdo audiovisual.

- [Tutorial legenda automática Capcut \(Celular\)](#)
- [Tutorial legenda automática Capcut \(PC\)](#)

### Libras

No caso das pessoas surdas e com deficiência auditiva que não são fluentes nas línguas escritas e, portanto, as legendas não contemplam a acessibilidade necessária para elas, o Intérprete de Libras é essencial para estabelecer a comunicação por Sinais.



- [Como adicionar janela de Libras no vídeo com o Adobe Premiere](#)
- [Como adicionar janela de Libras no vídeo com o Shotcut](#)

### Audiodescrição e autodescrição



Para tornar o conteúdo acessível para as pessoas com deficiência visual, é indispensável o uso de audiodescrição (AD). A técnica consiste em traduzir imagens em palavras. No caso, o audiovisual se encaixa em imagens dinâmicas. Vale juntar a audiodescrição à autodescrição/descrição dos sujeitos.

- [Como funciona a audiodescrição](#)
- [Tutorial de AD para vídeo \(página 4\)](#)
- [Tutorial de autodescrição](#)

## Recursos assistivos para imagens



### Audiodescrição

Neste caso, estamos falando da dimensão da audiodescrição de imagens estáticas (fotografias, desenhos, mapas, gráficos, etc.), também indispensável para pessoas com deficiência visual.

- [Como descrever suas fotos](#)
- [Tutorial de AD para imagens estáticas \(páginas 2, 3 e 4\)](#)
- [Dicas para descrição de imagens](#)

### Texto alternativo

O texto alternativo (alt text) se relaciona especialmente com o Instagram, onde há essa funcionalidade que permite a leitura de um texto descritivo via a tecnologia assistiva dos leitores de tela para pessoas com deficiência visual. A ideia é construir esse texto com as bases da **audiodescrição** de forma sintética. Em relação à hashtag usada, é interessante adotar #PraTodoMundoVer



- [Como fazer texto alternativo no Instagram](#)

## Recursos assistivos para podcast



### A Transcrição simples e a imersiva

Por ser eminentemente sonoro, é importante a transcrição dos episódios de podcasts para pessoas com deficiência auditiva. A estrutura pode ser construída a partir do roteiro, com as devidas indicações e ajustes. Há, também, a transcrição imersiva que une a transcrição com elementos de design gráfico, para deixar a experiência com mais imersão e dinamicidade.

- [Como produzir podcasts acessíveis? \(tópico: confira dicas para fazer a transcrição\)](#)
- [Exemplo de transcrição simples](#)
- [Um pouco sobre transcrição imersiva e o exemplo de More Than This](#)

### Métodos alternativos de acesso

A adoção de algumas medidas dá mais autonomia para que o usuário escolha de que forma vai ter acesso ao conteúdo. Sabendo disso, possibilite o download do episódio no site e disponibilize-o em outra plataforma, especialmente de vídeo, como o Youtube, para que possa acessar as legendas e/ou Libras que você venha a disponibilizar.



- [Como produzir podcasts acessíveis? \(tópico: ofereça métodos alternativos de acesso\)](#)

## Anexo 4 - Roteiro das entrevistas

### **Roteiro da entrevista semiestruturada (ESTUDANTES)**

1. Fale um pouco sobre o primeiro contato com a proposta de incluir elementos de acessibilidade no produto da disciplina. Quais eram as expectativas?
2. Como você avalia o seminário sobre acessibilidade e formatos? O que poderia melhorar?
3. Como você avalia o momento de orientação sobre acessibilidade na reunião geral de pautas? O que poderia melhorar?
4. Como você avalia o guia rápido de acessibilidade? Ele foi eficaz em auxiliar o processo de acessibilidade das produções da sua equipe? O que poderia melhorar?
5. Como você avalia o momento dos plantões de orientação? O que poderia melhorar?
6. Houve dificuldades no decorrer do processo? Caso sim, comente sobre.
7. Como você avalia o processo como um todo? O que poderia melhorar?
- 7.1. Como foi o engajamento da equipe na acessibilidade? Todos contribuíram, alguém ficou mais à frente?
8. Como ficou o produto final?
9. [Vou reservar essa questão para considerações finais caso o estudante queira acrescentar algo, tendo viés opcional]

### **Roteiro da entrevista semiestruturada (PROFESSORAS)**

1. Fale um pouco sobre o primeiro contato com a proposta da pesquisa-ação. Quais eram as expectativas?
2. Como você avalia o seminário sobre acessibilidade e formatos? O que poderia melhorar? (Não se aplica à professora Dahiana, pois ocorreu antes de ela assumir)
3. Como você avalia o momento de orientação sobre acessibilidade na reunião geral de pautas? O que poderia melhorar?
4. Como você avalia o guia rápido de acessibilidade em relação à estrutura? O que poderia melhorar?
5. Houve dificuldades no decorrer do processo? [Caso sim] Comente sobre.
6. Como você avalia o processo como um todo? O que poderia melhorar?
7. Como foi resolvida a questão do uso da plataforma Wix para o material?
8. [Vou reservar essa questão para considerações finais caso as professoras queiram acrescentar algo, tendo viés opcional].